



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

GIOVANNA LYSSA TELLES FERNANDES

VOZES ESTRATÉGICAS: O CONFLITO ISRAEL-PALESTINO NOS EDITORIAIS DO
THE NEW YORK TIMES ENTRE 07 DE OUTUBRO E 07 DE NOVEMBRO DE 2023

JOÃO PESSOA
2025

GIOVANNA LYSSA TELLES FERNANDES

**VOZES ESTRATÉGICAS: O CONFLITO ISRAEL-PALESTINO NOS EDITORIAIS DO
THE NEW YORK TIMES ENTRE 07 DE OUTUBRO E 07 DE NOVEMBRO DE 2023**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção de título de Bacharel em
Relações Internacionais no curso de
Relações Internacionais da Universidade
Federal da Paraíba.

Orientador: Prof. Túlio Sérgio
Henriques Ferreira

JOÃO PESSOA
2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F363v Fernandes, Giovanna Lyssa Telles.

Vozes estratégicas: o conflito Israel-Palestino nos editoriais do The New York Times entre 07 de outubro e 07 de novembro de 2023 / Giovanna Lyssa Telles Fernandes. - João Pessoa, 2025.
69 f.

Orientação: Túlio Sérgio Henriques Ferreira.
TCC (Graduação) - UFPB/CCSA.

1. Conflito Israel-Palestina. 2. Mídia. 3. The New York Times. 4. Análise de discurso. I. Ferreira, Túlio Sérgio Henriques. II. Título.

UFPB/CCSA

CDU 327(043)


GIOVANNA LYSSA TELLES FERNANDES

**VOZES ESTRATÉGICAS: O CONFLITO ISRAEL-PALESTINO NOS EDITORIAIS DO
THE NEW YORK TIMES ENTRE 07 DE OUTUBRO E 07 DE NOVEMBRO DE 2023**


Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Relações
Internacionais do Centro de Ciências
Sociais Aplicadas (CCSA) da Universidade
Federal da Paraíba (UFPB), como requisito
parcial para obtenção do grau de bacharel
(a) em Relações Internacionais.

Aprovado(a) em, 03 de outubro de 2025


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **TULIO SERGIO HENRIQUES FERREIRA**
Data: 03/10/2025 12:01:18-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Túlio Sérgio Henriques Ferreira – (Orientador)
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Documento assinado digitalmente
 **DANIEL DE CAMPOS ANTIQUERA**
Data: 06/10/2025 16:44:37-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Daniel de Campos Antiquera
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Documento assinado digitalmente
 **LILIANA RAMALHO FROIO**
Data: 09/10/2025 10:30:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Liliana Ramalho Froio
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

RESUMO

O conflito entre Israel e Palestina é caracterizado por profundas disputas territoriais, políticas e religiosas entre o Estado de Israel e o povo palestino, cujas consequências transcendem a região, englobando múltiplos atores e interesses geopolíticos complexos em âmbito global. Em um contexto no qual a comunicação exerce papel fundamental na formação da opinião pública e na condução da diplomacia internacional, a mídia emerge como um agente estratégico na construção simbólica do conflito, configurando fronteiras discursivas que privilegiam vozes legitimadas enquanto silenciam outras. A presente pesquisa investiga a construção discursiva do conflito Israel-Palestina na cobertura jornalística do The New York Times, a partir de uma análise qualitativa dos textos publicados no período compreendido entre 07 de outubro e 07 de novembro de 2023. Baseando-se nos fundamentos teóricos da Análise do Discurso de Bakhtin, o estudo utiliza ferramentas digitais como Easy Scraper, Visual Studio Code e o software Iramuteq para coleta, processamento e análise quantitativa e qualitativa dos textos, evidenciando a predominância do eixo "Israel versus Hamas" e a centralidade do campo militar, além da presença seletiva de vozes pessoais e afetivas, majoritariamente vinculadas ao sofrimento israelense. A pesquisa aponta para uma polifonia assimétrica, em que as vozes institucionais israelenses são valorizadas enquanto os atores palestinos aparecem deslegitimados ou mediados por discursos que reforçam uma polarização geopolítica e naturalizam posturas imperialistas. O estudo revelou, portanto, que a hipótese inicial, sugerindo que a cobertura não adota uma abordagem neutra e apresenta uma tendência pró-Israel, foi validada.

Palavras-chave: Conflito Israel-Palestina, Mídia, The New York Times, Análise de Discurso

ABSTRACT

The Israel-Palestine conflict is characterized by deep territorial, political, and religious disputes between the State of Israel and the Palestinian people, whose consequences transcend the region, involving multiple actors and complex geopolitical interests on a global scale. In a context where communication plays a fundamental role in shaping public opinion and conducting international diplomacy, the media emerges as a strategic agent in the symbolic construction of the conflict, configuring discursive boundaries that privilege legitimized voices while silencing others. This research investigates the discursive construction of the Israel-Palestine conflict in the journalistic coverage of The New York Times, based on a qualitative analysis of texts published from October 7 to November 7, 2023. Grounded in the theoretical foundations of Bakhtin's Discourse Analysis, the study employs digital tools such as Easy Scraper, Visual Studio Code, and Iramuteq software for the collection, processing, and quantitative and qualitative analysis of texts, highlighting the predominance of the "Israel versus Hamas" axis and the centrality of the military field, as well as the selective presence of personal and affective voices, mostly linked to Israeli suffering. The research points to an asymmetric polyphony, in which Israeli institutional voices are valorized while Palestinian actors appear delegitimized or mediated by discourses that reinforce geopolitical polarization and naturalize imperialist stances. Therefore, the study revealed that the initial hypothesis, suggesting that the coverage does not adopt a neutral approach and presents a pro-Israel bias, was validated.

Keywords: Israel-Palestine Conflict, Media, The New York Times, Discourse Analysis

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Distribuição do tamanho dos segmentos.....	41
Figura 2: Distribuição lexical segundo a lei de Zip.....	42
Figura 3: Dendograma.....	43
Figura 4: Fatorial de Classes.....	45
Figura 5: Wordcloud.....	53
Figura 6: Similitude.....	55
Figura 7: Corpo de texto selecionado.....	64
Figura 8: Scrapping de dados da cobertura “Maps: Tracking the Attacks in Israel and Gaza”	65
Figura 9: Limpeza do material coletado.....	66
Figura 10: Importação do material na plataforma Visual Studio Code.....	67

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Notícias selecionadas do NYT.....	36
Tabela 2: Dendograma.....	43

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFC - Análise Fatorial de Correspondência

CNN - Cable News Network

CSS - Cascading Style Sheets

CSV - Comma-Separated Values

EUA - Estados Unidos da América

HTML - HyperText Markup Language

HAMAS - Harakat al-Muqawama al-Islamiya (Movimento de Resistência Islâmica)

JSON - JavaScript Object Notation

NYT - The New York Times

ONU - Organização das Nações Unidas

PE - Política Externa

UN - United Nations

U.S. - United States

UTF-8 - Unicode Transformation Format, 8-bit

AGRADECIMENTOS

O caminho percorrido até aqui não foi fácil, mas minha vitória não é individual, sem meu coletivo aqui eu não estaria, e por isso sou grata.

À minha mãe, Elisângela Fernandes, que chorou e sorriu comigo, que nunca se fez ausente, que me proporcionou a liberdade de seguir meus sonhos e que os sonhou comigo. Obrigada por ser minha fortaleza e inspiração, por me ensinar o valor da educação e por ser minha maior apoiadora. Te amo imensamente. Este trabalho não é só meu, é também seu.

Aos meus avós, Maria Auxiliadora e Lourival, que já não estão mais aqui neste plano mas fazem parte de tudo que sou, devo à eles minha trajetória e é por eles e para eles cada vitória. À minha família que presenciou as noites mal dormidas, o cansaço interminável e a ansiedade de cada dia. Vocês foram meu abrigo durante esse caminhar e meu coração transborda amor ao lado de vocês.

Às minhas amigas de longa data Eloisa, Renata, Amanda e Isadora que presenciaram minhas diversas fases e permaneceram. A vida com vocês vale a pena ser vivida.

Ao meu G8 (Crystal, Eloá, Hilquias, João Pedro, Rodrigo, Rovanne e Sophia) que se tornaram muito mais do que amigos, tornaram-se minha família em João Pessoa. Carrego em mim parte de cada um de vocês.

Aos amigos que a graduação me presenteou Manoel, Vicente, Vinicius, Isabella e Ana Polliny. Obrigada por cada risada, angústia e afago compartilhados durante esses anos. Vocês trouxeram leveza aos meus dias e estarão sempre marcados na minha memória.

À Maria Paula que inspira cada um em sua volta. Obrigada pelo carinho, cuidado, apoio e palavras de incentivo ao longo desse processo. Seu lugar no meu coração está guardado, acompanhado da minha profunda gratidão.

À minha psicóloga Icléa, que foi luz em momentos de escuridão. Seu acolhimento foi essencial para que eu seguisse em frente com mais força e coragem.

Ao Departamento de Relações Internacionais e a todos os professores ao qual tive a honra de aprender, conviver e compartilhar experiências acadêmicas. Deixo meu sincero agradecimento pela dedicação, pelo conhecimento transmitido e pela inspiração que levarei para além da vida universitária.

Por fim, à Universidade Federal da Paraíba que me trouxe de tão longe e foi casa por todo esse tempo. Foi um privilégio pertencer à uma Universidade Pública, espaço de resistência e trocas que ampliaram minha visão de mundo, fortaleceram minhas convicções e

me transformaram internamente. Sonho com o dia em que esse espaço seja plenamente valorizado e garantido a todos como um direito.

“O capitalismo falhou, falha e falhará em cada uma das sociedades onde ele colocar os seus tentáculos que se baseiam na expropriação e na exploração do homem pelo homem. É isso que nós combatemos!”

João Carvalho

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. CONFLITO ISRAEL E PALESTINA.....	16
2.1 Conflito do 7 de Outubro de 2023	17
3. MÍDIA E POLÍTICA EXTERNA.....	21
3.1 The New York Times.....	24
3.1.1 <i>A Influência do New York Times</i>	26
4. A TEORIA BAKHTINIANA.....	29
5. METODOLOGIA.....	35
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	41
6.1 Classes.....	42
6.1.1 <i>Classe 1 – Vozes Institucionais e Diplomáticas (23,5%)</i>	46
6.1.2 <i>Classe 2 – Narrativas Pessoais e Afetivas (25,4%)</i>	48
6.1.3 <i>Classe 3 – Crise Humanitária (12,1%)</i>	49
6.1.4 <i>Classe 4 – Diplomacia e Cessar-Fogo (13,9%)</i>	51
6.1.5 <i>Classe 5 – Conflito Militar Ampliado (25,1%)</i>	51
6.2 Nuvem de Palavras.....	52
6.3 Análise de Similitude.....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS.....	60
APÊNDICE A.....	64

1. INTRODUÇÃO

O conflito entre Israel e Palestina é uma das disputas mais antigas e complexas do Oriente Médio, marcando uma história de tensões territoriais, religiosas e políticas que perduram por milhares de anos. Essa luta envolve não apenas a disputa por território, mas também o reconhecimento de direitos nacionais e as consequências de interesses econômicos e geopolíticos na região, que inclui Israel e os territórios palestinos como a Cisjordânia e Faixa de Gaza. Ao longo do século XX, especialmente após o movimento sionista e a criação do Estado de Israel em 1948, essas tensões se intensificaram, resultando em ciclos contínuos de violência, deslocamento e conflito social. Recentemente, essa complexidade se manifestou novamente em 07 de outubro de 2023, quando Israel declarou guerra contra o Hamas após um ataque surpresa do grupo, reacendendo uma nova escalada no conflito que tem grande repercussão internacional e midiática.

A mídia tradicional exerce papel decisivo na construção da percepção pública acerca do conflito, divulgando informações que, invariavelmente, passam por filtros institucionais e editoriais que refletem interesses políticos e econômicos internos às corporações que as gerenciam. As linhas editoriais adotadas condicionam a produção e circulação das narrativas, resultando frequentemente em uma cobertura que aposta em polarizações ideológicas e na simplificação do conflito, tratando-o de modo parcial e panfletário (Stern, 2015).

Tal modalidade de cobertura midiática tende a sacrificar a complexidade do conflito e a contextualização histórica em detrimento de narrativas mais simplificadas e atraentes para o público leigo, que reconhece na mídia tradicional a fonte legítima de informação, mesmo que essa legitimidade seja marcada pela reprodução homogeneizada de conteúdos oriundos, em grande parte, de agências de notícias. Além disso, a atuação jornalística tradicional não explora suficientemente o campo teórico-histórico do conflito, o que implica na negligência de aspectos fundamentais que poderiam contribuir para uma compreensão mais crítica e aprofundada da temática (Stern, 2015).

Nesse cenário, a abordagem do conflito por meio da narrativa ganha relevância, pois, ao se tratar da questão palestina, os habitantes enfrentam o dilema de viver em um presente marcado por um passado que já não existe ou em uma realidade geográfica da qual foram afastados. As narrativas, portanto, desempenham um papel crucial entre o esforço de preservação da memória e a construção do significado do território, de modo que o território palestino passa a ser definido cada vez mais pelas histórias que são contadas sobre ele (Said, 2011).

Ao ampliarmos o olhar para o espaço mais amplo do Oriente Médio, que inclui o território palestino, evidencia-se a intrínseca relação entre narração e conflito, onde a disputa pela construção do imaginário e da narrativa em torno do conflito é especialmente intensa. Essa disputa envolve não apenas os sentidos do conflito, mas também conceitos fundamentais como espaço, identidade, discurso, imagem e narrativa, configurando um campo complexo no qual as lutas por hegemonia simbólica se desenrolam (Matar & Harb, 2013). Dessa forma, o jornalismo, atua como um agente importante na construção e reforço de um imaginário etnocêntrico, ao marcar identidades, destacar diferenças culturais e moldar os caminhos pelos quais a imprensa produz sentidos sobre a luta no território palestino.

No contexto dos Estados Unidos, a situação não difere significativamente. Ao analisar o jornalismo americano, é perceptível que ele está profundamente entrelaçado com a lógica do sistema capitalista e da ideologia liberal burguesa dominante nos Estados Unidos. Conforme Santos (1986) analisa, os meios de comunicação agem como agentes hegemônicos que assimilam e reproduzem o discurso da sociedade capitalista, transformando a informação em mercadoria e os produtos editoriais em bens de consumo que disputam o mercado à semelhança de qualquer outro produto industrial (Santos, 1986, p. 72-73). Esse processo legitima e perpetua o sistema político-social vigente, ao invés de questioná-lo ou propor alternativas.

O The New York Times (NYT), objeto de estudo do presente trabalho, embora seja reconhecido como o jornal mais conceituado dos EUA, não escapa dessa dinâmica capitalista. Segundo o mesmo autor,

O The New York Times, mais que um mito na história do jornalismo mundial, é um conglomerado de comunicação que acredita no aperfeiçoamento do sistema capitalista universal e trata a informação como uma matéria-prima essencial e sua existência e às necessidades dos seus leitores. Sua história é um pouco aquelas histórias de sucesso que compõem alguns livros de administração e marketing de autores, claro, americanos. E, sucesso, é condição prioritária para legitimação e reprodução sociais que configura a forma de poder cobiçada na moderna escola de administração da qual os EUA são ponta (SANTOS, 1986).

Dessa forma, essa concentração comunica um fato fundamental: mesmo o jornal de maior prestígio acorda ao valor mercadológico da notícia, precisando equilibrar rigor informativo com rentabilidade. Portanto, pretende-se responder o seguinte questionamento neste estudo: Qual a narrativa sobre o conflito israelo-palestino a cobertura do The New York Times propõe no período de 7 de outubro a 7 de novembro de 2023? Considerando a hipótese de que o The New York Times adota uma abordagem parcial em sua cobertura, com inclinação favorável a Israel. A escolha pela mídia norte-americana ocorre devido à sua

condição de agente hegemônico no cenário internacional, atuando como referência e modelo na produção e difusão de informações, especialmente por meio de veículos como o The New York Times, que detém prestígio consolidado e ampla circulação global, além de grande influência na formação da opinião pública mundial, sendo o motivo pelo qual se deve a escolha do veículo.

Por conseguinte, tem-se como objetivo geral de pesquisa analisar a cobertura noticiosa do conflito israelo-palestino, no período de 7 de outubro de 2023 à 7 de novembro de 2023, no The New York Times. A partir do objetivo geral, define-se como objetivos específicos: a) identificar as diferentes vozes e intencionalidades presentes nas fontes utilizadas pelo NYT em suas notícias; (b) investigar de que maneira as interações entre as vozes das fontes nas notícias configuram sentidos que podem influenciar a construção ideológica a favor ou contra as partes do conflito.

A escolha deste recorte temporal justifica-se pela intensidade e relevância dos acontecimentos ocorridos nesse intervalo, que marcaram uma escalada significativa no conflito, dado ao recente confronto deflagrado na região sul de Israel, no dia 7 de outubro de 2023, gerando ampla cobertura midiática internacional. Nesse período específico, a narrativa predominante imposta pela mídia internacional, e evidenciada no corpus analisado, é a que enquadra o Hamas como um grupo terrorista, alinhando-se com discursos político-militares majoritários no Ocidente. Esse recorte temporal é relevante porque corresponde a um momento de escalada da violência e das hostilidades, no qual as ações do Hamas são amplamente destacadas para justificar as medidas militares de Israel. Tal narrativa, portanto, não surge de forma neutra, mas é parte de uma construção discursiva que visa naturalizar a postura israelense como legítima defesa e deslegitimar as ações palestinas apresentando-as sob a ótica do terrorismo e da clandestinidade. Por fim, a escolha de analisar um período de apenas um mês das publicações do periódico se deu pela grande quantidade de material disponível nesse intervalo, o que possibilitou realizar uma análise aprofundada dentro do tempo limitado para a conclusão do trabalho, evitando interpretações e análises superficiais que poderiam surgir caso outras variáveis fossem incluídas.

É importante salientar ainda que já existem estudos que evidenciam a parcialidade do jornal The New York Times na cobertura do conflito Israel-Palestina, demonstrando uma orientação clara pró-Israel em sua linha jornalística. Um exemplo notório é o dossiê intitulado "O Jornal do Registro Sionista", divulgado pelo coletivo New York War Crimes, que acusa o NYT de atuar como um instrumento de propaganda a favor dos interesses imperialistas dos Estados Unidos e do Estado de Israel. O relatório, dessa forma, denuncia que editores e

repórteres do jornal evitam propositalmente o uso de termos como "genocídio", "limpeza étnica" e até "Palestina", com o intuito de maquiar a ofensiva israelense contra os palestinos, além de manipular manchetes e reproduzir versões oficiais do exército israelense sem questionamento. Além disso, o dossiê também expõe vínculos ideológicos e financeiros entre membros da alta cúpula do NYT e organizações sionistas, sugerindo que tais conexões estruturais incentivam o jornal a proteger a imagem de Israel mesmo diante de graves violações de direitos humanos (New York War Crimes, 2025).

Ademais, conforme Robinson (2008) aponta, o campo das Relações Internacionais, devido à forte influência das teorias realistas, costuma negligenciar o papel da opinião pública e dos meios de comunicação, concentrando-se menos nos aspectos internos dos Estados, o que resultou em uma lacuna significativa no entendimento dos processos comunicacionais no âmbito internacional. Nesse contexto, elaborar um modelo coerente que esclareça as relações de causa e efeito em um sistema marcado pela contingência e multidirecionalidade torna-se um desafio fundamental (Schulz, 2013), evidenciando a necessidade de ampliar o debate para incorporar a dimensão da comunicação na análise das dinâmicas internacionais. Portanto, este trabalho se justifica como uma humilde contribuição para preencher a lacuna teórica sobre a comunicação nas Relações Internacionais, sendo o conflito israelo-palestino, um exemplo emblemático da importância da mídia, considerando que as narrativas jornalísticas são profundamente influenciadas por interesses hegemônicos e jogos de poder.

Este artigo está estruturado da seguinte forma: inicia-se com a presente introdução, que contextualiza o tema, define os objetivos e destaca a importância da pesquisa; a segunda seção apresenta o contexto histórico do conflito Israel-Palestina, oferecendo uma visão geral de como o conflito se estrutura nos dias atuais; a terceira seção discute a relação entre mídia e política externa, enfatizando o papel da cobertura jornalística na construção das percepções internacionais sobre o conflito; a quarta seção aborda a teoria bakhtiniana, sobretudo seus conceitos de dialogismo e polifonia, fundamentando a análise crítica dos discursos midiáticos; a quinta seção detalha a metodologia empregada, incluindo os procedimentos de coleta, tratamento e análise dos dados; sexta seção dedica-se à análise dos resultados, explorando as classes temáticas identificadas e discutindo como as narrativas jornalísticas reforçam determinadas interpretações do conflito. Por fim, o artigo apresenta as considerações finais, sintetizando o presente trabalho.

2. CONFLITO ISRAEL E PALESTINA

O conflito entre Israel e Palestina constitui um dos mais duradouros e complexos da política internacional contemporânea. Suas raízes podem ser localizadas ainda no início do século XX, mas ele se intensifica especialmente no pós-Segunda Guerra Mundial, quando, em 1948, a Organização das Nações Unidas (ONU) aprovou a criação do Estado de Israel em território até então habitado majoritariamente por palestinos (United Nations, 2023). A decisão deu novo contorno à disputa regional, transformando-a em um conflito de alcance global, no qual se entrelaçam dimensões históricas, religiosas, identitárias e geopolíticas (Soares, 2004).

O pano de fundo desse processo remonta ao período do Mandato Britânico. Em 1917, a Declaração de Balfour marcou a primeira manifestação oficial de apoio de uma potência ocidental ao projeto de criação de um lar nacional judaico na Palestina. A iniciativa, no entanto, desconsiderava a presença histórica e majoritária da população árabe-palestina, que via nessa política um sinal de marginalização e perda de soberania (Grã-Bretanha, 1917). Desse modo, como destaca Soares (2004), tal promessa britânica inaugurou uma dinâmica de tensões que se agravaria ao longo das décadas seguintes, ao colocar em choque projetos nacionais inconciliáveis.

Em 1947, a ONU apresentou o Plano de Partilha do território em dois Estados, um árabe e outro judeu. No entanto, a proposta foi recebida de forma ambivalente: aceita pelos judeus, que viam nela a oportunidade de garantir legitimidade internacional ao projeto sionista, mas rejeitada pelos árabes, que a consideraram uma imposição injusta e ilegítima. Assim, a independência de Israel, declarada em 1948, deflagrou a primeira guerra árabe-israelense e resultou no deslocamento forçado de cerca de 700 mil palestinos, episódio conhecido como *Nakba*, ou “catástrofe” (United Nations, 2023). Essa diáspora, dessa forma, marcou profundamente a identidade palestina e permanece no centro das reivindicações pelo direito de retorno. Como observa Benny Morris (2008), a guerra de 1948 não apenas redesenhou fronteiras, mas também cristalizou um trauma coletivo que até hoje alimenta a memória nacional palestina.

Desde então, sucessivas guerras, ocupações militares e tentativas de negociação moldaram o cenário político da região. Nesse sentido, questões cruciais como a definição de fronteiras, o direito de retorno dos refugiados e o estatuto político de Jerusalém, continuam

sendo barreiras estruturais à resolução do conflito (Morris, 2008; Soares, 2004). Essa permanência de impasses demonstra, assim, que a questão palestina não se limita a disputas territoriais, mas envolve dimensões identitárias e religiosas, reforçadas pela assimetria de poder que caracteriza a relação entre Israel e os palestinos.

Ao longo das décadas, diversas iniciativas de paz foram implementadas, como os Acordos de Oslo na década de 1990, mas nenhuma conseguiu alcançar uma solução definitiva. Logo, as intifadas palestinas, levantes populares contra a ocupação, revelaram tanto a persistência da resistência árabe quanto a brutalidade da repressão israelense, reforçando a percepção de que a violência se tornou parte estrutural do cotidiano político da região (Soares, 2004).

2.1 Conflito do 7 de Outubro de 2023

A ofensiva do Hamas em 7 de outubro de 2023 recolocou o conflito no centro da agenda internacional. De acordo com o G1 (2023), ataques coordenados romperam as barreiras de segurança e atingiram múltiplas localidades israelenses, resultando em centenas de mortes. Para o grupo, a ação buscava expor as condições de isolamento e precariedade na Faixa de Gaza; no entanto, muitos governos e instituições internacionais classificaram o ataque como terrorismo (Washington Institute, 2023).

A retaliação israelense consistiu em intensos bombardeios e operações militares em Gaza, resultando em milhares de mortes, destruição de infraestrutura civil e uma crise humanitária de grandes proporções (UN Press, 2023). Em consequência, de acordo com levantamento divulgado pela RFI/G1 (2024), até fevereiro de 2024 o número de mortos em Gaza superava 30 mil pessoas, em sua maioria civis, mulheres e crianças. Esses dados, logo, reforçam a gravidade da crise humanitária, marcada pela escassez de água potável, medicamentos, energia elétrica e condições mínimas de sobrevivência.

Nesse sentido, a desproporção entre o poder bélico israelense, amplamente sustentado por alianças estratégicas com potências ocidentais, e os recursos limitados do Hamas tem sido alvo de críticas de organizações internacionais e da sociedade civil global. O Conselho Europeu, por exemplo, tem reiterado que, embora reconheça o direito de Israel à autodefesa, a resposta militar não pode configurar punição coletiva contra a população palestina, sobretudo diante do elevado número de mulheres e crianças atingidas (European Council, 2023). Essa tensão entre a narrativa da autodefesa e as acusações de desproporcionalidade militar reflete, então, a assimetria estrutural do conflito, no qual um Estado altamente armado enfrenta um

grupo com recursos limitados, mas inserido em uma rede de resistência simbólica e política que extrapola as fronteiras regionais.

Além da dimensão militar, a questão humanitária tornou-se central no debate internacional. As denúncias de violações de direitos humanos em Gaza, como ataques a hospitais, escolas e campos de refugiados, ampliaram a pressão sobre Israel em organismos multilaterais como a Organização das Nações Unidas (ONU). Desse modo, o Conselho de Segurança tem sido palco de debates intensos, mas a ausência de consenso entre seus membros permanentes dificulta a adoção de medidas efetivas (UN Press, 2023). A disputa discursiva nesse âmbito revela a instrumentalização política do conflito, em que narrativas de segurança, terrorismo e direitos humanos se entrelaçam de maneira estratégica.

Para compreender a persistência do conflito, é necessário considerar também sua dimensão identitária. Como observa Soares (2004), a disputa entre israelenses e palestinos não se restringe a recursos ou território, mas envolve a própria construção da alteridade, marcada pelo ódio histórico e pela negação mútua. Em decorrência disso, a *Nakba* e o Holocausto, eventos centrais para cada identidade coletiva, alimentam memórias traumáticas que dificultam compromissos de reconciliação. Dessa maneira, a narrativa israelense de segurança permanente encontra eco na memória da perseguição histórica contra os judeus, enquanto a identidade palestina se ancora no exílio forçado, no deslocamento e na luta por autodeterminação (Morris, 2008).

O impacto regional do conflito também não pode ser negligenciado. Ao longo das décadas, países árabes vizinhos alternaram posturas de confronto direto e distanciamento pragmático, moldados tanto por agendas internas quanto pela pressão internacional. Mais recentemente, acordos de normalização das relações diplomáticas entre Israel e alguns países árabes, como os chamados Acordos de Abraão, evidenciam a complexidade da geopolítica do Oriente Médio. No entanto, ainda que tragam ganhos estratégicos a Israel, tais acordos reforçam a percepção de isolamento entre os palestinos, que veem sua causa perdendo espaço no cenário diplomático internacional.

No plano midiático, o conflito continua sendo amplamente coberto por veículos de comunicação globais, que não apenas informam, mas também moldam percepções e opiniões públicas. Dessa forma, a cobertura jornalística, como a realizada pelo G1 em 2023, ao oferecer infográficos explicativos sobre o ataque do Hamas, exemplifica como a difusão de informações simplificadas ajuda a contextualizar eventos para audiências globais (G1, 2023). Contudo, essa mesma simplificação pode invisibilizar a complexidade histórica do conflito, reduzindo-o a episódios de violência sem abarcar suas raízes profundas.

A violência persistente, aliada à ausência de soluções políticas duradouras, reproduz um ciclo de hostilidade que escapa às tentativas de mediação. Nesse sentido, as negociações fracassadas, as assimetrias de poder e a instrumentalização política das identidades religiosas tornam o caso israelense-palestino emblemático para compreender os limites da ordem internacional contemporânea na gestão de conflitos étnico-nacionais. Desse modo, o fracasso das iniciativas de paz, a exemplo de Oslo, demonstra que, sem a garantia de direitos fundamentais e reconhecimento mútuo, qualquer acordo se torna frágil e transitório.

Portanto, a escolha do marco temporal a partir da ofensiva do Hamas em 7 de outubro de 2023 revela-se fundamental para a compreensão contemporânea do conflito Israel-Hamas, pois esse evento não apenas recolocou a questão na pauta global de forma súbita e dramática, como também evidenciou as complexas dinâmicas militares, políticas e humanitárias que permeiam a atual conjuntura. Assim, ao iniciar a análise nesse ponto, o estudo captura de maneira precisa o impacto imediato dos ataques coordenados e a posterior resposta israelense, destacando a disparidade bélica entre um Estado fortemente armado e um grupo com recursos limitados, porém sustentado por uma rede simbólica e política significativa. Além disso, essa delimitação temporal permite abordar com maior profundidade a crise humanitária exacerbada pelas ações militares, cuja gravidade se expressa no elevado número de vítimas civis e na escassez de condições básicas de sobrevivência, aspectos crucialmente denunciados por organismos internacionais. A escolha também facilita a articulação da dimensão identitária e simbólica do conflito, ao contextualizar como as memórias históricas, como a Nakba e o Holocausto, continuam a alimentar narrativas que dificultam a reconciliação e perpetuam antagonismos.

Por fim, esse recorte temporal possibilita analisar a construção midiática e discursiva da guerra, evidenciando a forma como a imprensa global, ao simplificar eventos para audiências amplas, contribui tanto para a visibilização quanto para a distorção das complexidades históricas e políticas subjacentes além de atribuir ao Hamas a responsabilidade por ataques contra civis israelenses, sequestro e assassinato de soldados israelenses, reforçando sua caracterização negativa. Essa representação está alinhada à perspectiva dos Estados Unidos, que classificam o Hamas como organização terrorista, e, constroi uma narrativa que contribui para legitimar as ações militares israelenses como legítima defesa e para estigmatizar o grupo palestino, influenciando a percepção pública internacional e consolidando uma construção discursiva que apresenta o Hamas exclusivamente como um ator violento e criminoso. Dessa forma, o marco de outubro de 2023 funciona como um ponto de inflexão analítico que integra as múltiplas dimensões do conflito, permitindo um

exame aprofundado das suas repercussões regionais, humanitárias, identitárias e midiáticas no cenário internacional contemporâneo.

3. MÍDIA E POLÍTICA EXTERNA

A crescente globalização e a instantaneidade da comunicação contemporânea colocaram a mídia em um papel de destaque na esfera política, especialmente no que tange à formulação e à tomada de decisões em Política Externa (PE). Nesse sentido, em um contexto onde a informação circula em velocidade vertiginosa e alcança um público vasto, a imprensa se transforma em uma arena vital para debates, diálogos e impasses diplomáticos. Além disso, no bojo das sociedades capitalistas, a mídia atua não apenas como veículo de informação, mas como aparato ideológico que reproduz e legitima estruturas hegemônicas de poder, moldando percepções e orientando consensos em âmbito nacional e internacional.

A mídia, enquanto instituição, insere-se no circuito produtivo capitalista, estando diretamente subordinada às lógicas do mercado e aos interesses das frações dominantes da classe burguesa (Monteiro & Lessa, 2020). Sob essa perspectiva, ao produzir e disseminar informações, a mídia não realiza um mero reflexo neutro da realidade, mas atua na construção de narrativas que mantêm a ordem social vigente, ocultando contradições e formas de injustiça estrutural (Honneth, 2008). Tal função é congruente com o conceito de aparato ideológico, importado da tradição marxista, que destaca a mídia como instrumento de reprodução da hegemonia cultural e da dominação simbólica, conforme argumenta Gramsci (1989).

Em convergência com essa abordagem, Adorno e Horkheimer (2012) evidenciam a indústria cultural como mecanismo de alienação que homogeneíza a cultura e impede o questionamento crítico, produzindo consentimento passivo entre os indivíduos. Dessa forma, embora as massas possam ter aspirações próprias, frequentemente acabam apoiando firmemente a ideologia que as domina ou subjulga — um fenômeno que Adorno (2009) chama de paradoxo da autonomia. Esse processo é aprofundado pela teoria foucaultiana, que demonstra como as relações entre poder e saber moldam a produção do discurso midiático, condicionando o que pode ser dito e compreendido sobre os acontecimentos internacionais. Assim, segundo Foucault (2005):

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2005, p. 8-9).

No âmbito das Relações Internacionais, a influência da mídia transcende o âmbito interno dos Estados, exercendo impacto decisivo na formação das percepções públicas e das elites sobre os fenômenos globais. À vista disso, Gilboa (1987) introduz o conceito de “diplomacia midiática” para descrever como redes internacionais de comunicação são instrumentalizadas nas decisões políticas estatais, configurando a mídia como ator estratégico na PE. Essa influência é reforçada pela noção da interdependência complexa de Keohane e Nye (1989), que destaca a multiplicidade de interações recíprocas entre atores estatais e extra estatais na política mundial, nas quais a mídia desempenha papel mediador.

Além disso, como assinala Lênin (1979), a legitimação das políticas imperialistas depende fundamentalmente da hegemonia ideológica construída em sociedades capitalistas avançadas, sendo a mídia um veículo determinante dessa legitimação ao promover a naturalização da expansão econômica e da dominação política externa. A mídia, portanto, não apenas informa, mas modela comportamentos, valores e percepções que facilitam a aceitação pública de guerras, intervenções e alianças hegemônicas, contribuindo para a formação de uma cultura político-midiática imperialista (Monteiro & Lessa, 2020).

Nesse sentido, a Teoria Crítica, notadamente nas análises de Theodor Adorno e Max Horkheimer, mergulha nas complexidades do papel da mídia na sociedade atual. Assim, um dos conceitos centrais desenvolvidos por esses autores é o da “indústria cultural”, que descreve o fenômeno pelo qual a cultura é produzida sob um modelo industrial, visando o lucro e o controle social. Dessa forma, a cultura que emerge é frequentemente homogênea, destinada ao consumo de massa, resultando na perda da capacidade crítica dos indivíduos e na reafirmação de ideologias dominantes (Adorno; Horkheimer, 2012).

Dentro dessa perspectiva, os meios de comunicação são entendidos não apenas como canais de transmissão de informações, mas como instrumentos que manipulam a opinião pública e promovem o conformismo. Brunkhorst (2008) ressalta que essa manipulação é considerada um meio pelo qual as elites mantêm seu controle sobre a sociedade, utilizando a produção cultural para afastar as pessoas da crítica social e da conscientização sobre suas condições de vida.

Ainda, segundo Cohen (1963), a mídia não é apenas um espelho da realidade, mas um formador de agendas que determina quais temas são considerados relevantes e dignos de atenção. Deste modo, o conceito de “agenda-setting”¹ demonstrou que a quantidade de

¹ O conceito de agenda-setting descreve a capacidade da mídia de influenciar a percepção pública ao determinar sobre quais temas as pessoas devem pensar, ainda que não sobre o que pensar (COHEN, 1963; McCOMBS; SHAW, 1972).

cobertura dada a um tema específico pela mídia influencia a percepção pública sobre sua importância (McCombs; Shaw, 1972). Essa dinâmica é particularmente significativa no contexto da política interna, onde as decisões governamentais frequentemente refletem não apenas as demandas dos cidadãos, mas também as narrativas promovidas pela mídia.

As implicações dessas relações tornam-se ainda mais evidentes na arena da política externa, onde a influência da mídia e da opinião pública é palpável. Por conseguinte, a cobertura da mídia pode moldar as percepções sobre crises internacionais, guerras e estratégias diplomáticas. No caso dos Estados Unidos, a cobertura midiática da Guerra do Vietnã exemplifica como a opinião pública pode ser alterada por narrativas apresentadas pelos meios de comunicação, levando a uma crescente oposição às políticas do governo (Hallin, 1986). Essa desconexão entre a política institucional e a pressão da opinião pública ressalta a capacidade da mídia de influenciar até mesmo decisões de política externa.

Além de definir a agenda, a mídia também funciona como um “gatekeeper”², determinando quais informações são divulgadas e, conseqüentemente, quais são ignoradas (White, 1950). Assim, essa função pode ser manipulada por interesses políticos, levando à construção de narrativas que favorecem determinados grupos ou ideologias. Um exemplo emblemático dessa dinâmica é o conceito de “Consenso Fabricado”³, proposto por Herman e Chomsky (1994), que sugere que a mídia pode ser utilizada como um instrumento para promover interesses de elites econômicas e políticas, moldando a opinião pública de maneira que favoreça esses interesses.

Nesse contexto, é fundamental considerar que a evolução tecnológica, especialmente com o advento da internet, introduziu novos desafios, fazendo com que conceitos como o gatekeeping e o agenda setting agora se estendessem para as mídias sociais. As plataformas digitais, por sua característica interativa, permitem um engajamento mais direto e aprofundado da sociedade nos debates sobre política externa, configurando um ambiente no qual a participação cidadã pode exercer influência real nas decisões governamentais. Exemplificando essa influência, o conceito de “efeito CNN” evidencia como a cobertura em tempo real de acontecimentos globais é capaz de formar percepções e mobilizar reações em escala mundial, destacando a crescente interdependência entre mídia, opinião pública e formuladores de políticas (Robinson, 2002).

² O conceito de gatekeeping refere-se ao processo pelo qual jornalistas e editores selecionam, filtram e priorizam as informações que serão publicadas, determinando o que chega ao público (White, 1950).

³ O conceito de consenso fabricado (manufacturing consent) foi desenvolvido por Herman e Chomsky (1988) para explicar como a mídia, ao atender a interesses políticos e econômicos, molda narrativas de modo a legitimar determinadas agendas e construir aceitação pública.

Wainberg (2005) destaca o "fator CNN", apontando que esse canal de televisão norte-americano tem sido acusado por muitos de influenciar e até orientar ações de governos ocidentais, em um padrão semelhante ao modelo desenvolvido por Chomsky e Herman. No entanto, o autor ressalta que outras pessoas interpretam esse fenômeno como o "efeito CNN", devido à cobertura ao vivo de acontecimentos relevantes ao redor do mundo, como guerras e crises humanitárias. Segundo Wainberg, a transmissão crescente de imagens impactantes sobre guerras, genocídios e massacres pode levar o governo a promover iniciativas como ajuda humanitária ou mesmo mobilização militar:

Pode-se afirmar com certa cautela que a CNN (Cable News Network) e outras emissoras similares exercem certa influência nas decisões governamentais sobre crises internacionais quando há alguma contradição entre o desejo da autoridade (que não quer intervir) e o da opinião pública que exige uma reação dos governos ocidentais contra a violenta agressão aos direitos humanos refletida no noticiário de imprensa (WAINBERG, 2005, p. 39).

Nesse sentido, desde a Primeira Guerra Mundial, a mídia tem desempenhado um papel crucial como ferramenta de propaganda e contrapropaganda em situações de conflito (Wieviorka, 2009). No contexto do conflito israelo-palestino, essa função se mostra ainda mais evidente, uma vez que a cobertura midiática não apenas informa, mas também constrói narrativas que influenciam percepções políticas, legitimações internacionais e o engajamento das sociedades civis.

Por fim, Stuart Hall (1973) aponta que a mídia não atua simplesmente como um espelho que reflete a realidade de forma neutra, mas sim como um agente ativo que seleciona, organiza e interpreta os eventos, decisões essas que são determinantes para a forma como o público compreende os acontecimentos. Assim, a diplomacia pública assume uma posição central nas relações internacionais modernas, com a mídia atuando como ferramenta essencial para que os lados em conflito justifiquem e legitimem suas ações, crenças e discursos (Yarchi; Wolfsfeld; Sheaffer; Shenhav, 2013).

3.1 The New York Times

O surgimento do jornal The New York Times, também conhecido como *Times* ou pela sigla *NYT*, representa um marco importante na história do jornalismo mundial, refletindo um contexto de transformação social, econômica e tecnológica nos Estados Unidos do século XIX. Este, fundado em 18 de setembro de 1851, foi idealizado por dois jornalistas e membros

do Partido Republicano, Henry Jarvis Raymond e George Jones. Suas ideias, consideradas inovadoras e pouco convencionais, foram inicialmente recebidas com desconfiança no cenário político da época (Lima; Santos Filho, 2012).

Desde o seu surgimento, o jornal buscou oferecer uma cobertura de notícias confiável e de alta qualidade, fortalecendo sua reputação como um dos principais veículos de comunicação nos EUA. Para mais, durante a Guerra Civil Americana, o periódico ampliou sua circulação diária para incluir os domingos, demonstrando sua importância no cenário nacional e sua capacidade de adaptar-se às necessidades do momento.

Assim, a origem do The New York Times está diretamente ligada às mudanças ocorridas na sociedade americana em meados do século XIX, um período de expansão econômica e aumento da população das grandes cidades, especialmente Nova York. A crescente demanda por informação de qualidade impulsionou o desenvolvimento de uma imprensa mais profissionalizada e consciente da sua responsabilidade social. Nesse cenário, Raymond e Jones vislumbraram a criação de um jornal que se diferencia dos demais pela ênfase na precisão factual e na imparcialidade, com o lema "dar as notícias imparcialmente, sem medo nem favor"⁴ (Talese, 2007).

Ao longo do século XX, o NYT consolidou seu papel de protagonista na cobertura de eventos de repercussão mundial. No âmbito internacional, um dos primeiros momentos marcantes foi sua cobertura do naufrágio do Titanic, ocorrido em 1912, tendo também seu papel como fonte primária e confiável de informações críticas reforçado durante as duas guerras mundiais, e, com a publicação dos "Pentagon Papers", garantindo seu protagonismo ao divulgar documentos secretos que revelavam as estratégias e decisões controversas dos Estados Unidos durante a Guerra do Vietnã. Com este, o jornal recebeu diversas críticas e enfrentou batalhas judiciais, no entanto, foi o mesmo que o levou ao prêmio Pulitzer⁵, em 1972, atualmente totalizando 136 prêmios, sendo assim, mais premiado que qualquer outro jornal (Britannica, 2024).

Além disso, um ponto de virada decisivo na história do NYT ocorreu na segunda metade do século XX, com o advento da tecnologia digital. A partir da década de 1990, o jornal começou a investir de maneira mais sistemática em sua presença online, reconhecendo o potencial da internet para alcançar um público global de forma mais rápida e interativa. Dessa forma, na transição do impresso para o online, o The New York Times investiu

⁴ Tradução nossa de "to give the news impartially, without fear or favor".

⁵ O Prêmio Pulitzer, criado em 1917 e administrado pela Universidade Columbia, é uma das mais importantes premiações do jornalismo, literatura e música nos Estados Unidos, reconhecendo anualmente trabalhos de excelência.

pesadamente na criação de uma plataforma digital que pudesse oferecer conteúdos multimídia — como vídeos, podcasts, galerias de fotos e infográficos interativos — além de explorar o uso de hipertextos para facilitar a navegação e o acesso às informações. Essa adaptação se tornou, assim, um elemento central na estratégia do jornal de manter sua relevância no mundo globalizado, onde o consumo de notícias passou a ser instantâneo, mobile e multiplataforma.

Mais do que nunca, o trabalho árduo de aumentar nossa audiência recai sobre a redação. As realidades de uma Internet confusa e um mundo móvel distraído requerem esforço extra para fazer nosso jornalismo chegar aos leitores. Este trabalho exige criatividade, julgamento editorial e nos oferece a oportunidade de garantir que nosso jornalismo chegue com impacto ainda maior (The New York Times, 2014: 6, tradução autoral)⁶.

Em conclusão, como mostrado no discurso, o Times precisou se reinventar para atrair mais audiência, por isso, o periódico também passou a investir em narrativas inovadoras, como o jornalismo de dados, o jornalismo imersivo, por meio de recursos de realidade aumentada e virtual, além de plataformas de participações interativas, ampliando o envolvimento do público com as notícias produzidas.

3.1.1 A Influência do New York Times

O The New York Times, conforme já apresentado no presente estudo, é um dos principais veículos de comunicação dos Estados Unidos e exerce uma influência significativa na política norte-americana. Com sede em Nova Iorque e uma ampla rede de escritórios nacionais e internacionais, o jornal tem uma média de circulação expressiva, o que contribui para sua capacidade de moldar a opinião pública e influenciar o debate político no país. Assim, o jornal atua não apenas como meio informativo, mas como um formador de opinião de alcance nacional e global, chegando a influenciar tanto as grandes redes de televisão quanto os jornais locais.

Segundo Molina (2008), o Times é considerado um veículo de tendência liberal, porém sua posição política situa-se mais ao centro, buscando pluralidade por meio da contratação de colunistas com variadas posições ideológicas para garantir um equilíbrio opinativo. Essa característica traz à tona a subjetividade do periódico, uma vez que, embora o jornal abrigue colunistas de diferentes espectros políticos, nem sempre esta pluralidade se

⁶ Tradução nossa de: “More than ever, the hard work of growing our audience falls squarely on the newsroom. The realities of a cluttered Internet and distracted mobile world require extra effort to get our journalism to readers. This work requires creativity, editorial judgment and offers us the chance to ensure that our journalism lands with even greater impact.” (The New York Times, 2014: 6)

traduz em isenção editorial. Dessa forma, episódios históricos como o apoio excessivamente condescendente nos primeiros anos do governo George W. Bush, revelam que o jornal, por vezes, pode deixar-se levar por posturas alinhadas a determinado espectro do poder, o que contribui para a parcialidade de sua cobertura e análises (Molina, 2008).

Além disso, é interessante analisar a forma como as decisões editoriais são tomadas, sobretudo em relação a matérias sensíveis ou com impacto político significativo. Nesse sentido, Gay Talese (2007) narra o episódio da decisão do jornal durante a crise da Baía dos Porcos, em 1961, em que deliberadamente optou por não publicar informações completas sobre o iminente ataque norte-americano. Essa decisão, pautada por “segurança nacional”, evidencia um viés editorial que privilegia interesses estratégicos do país, em detrimento do direito do público à informação plena e transparente (Talese, 2007).

Ademais, a credibilidade do jornal foi abalada em dois casos emblemáticos de falhas jornalísticas que revelam descuidos éticos e parcialidade na apuração e apresentação das notícias. O primeiro envolve o repórter Jayson Blair, que em 2003 foi descoberto fabricando entrevistas, inventando notícias e viagens, além de plagiar notícias sem o conhecimento da redação. Esse escândalo, portanto, expôs uma grave falha no controle das notícias e afetou profundamente a confiança dos leitores no NYT, que teve que publicar extensas explicações e reavaliar seus processos de verificação das informações (Britannica, 2024).

O segundo caso envolveu a jornalista Judith Miller, responsável pela cobertura da campanha da Casa Branca que justificou a invasão do Iraque em 2003. Suas reportagens, alinhadas às posições do governo George W. Bush, apresentavam informações distorcidas e omissas que favoreceram a narrativa oficial sobre armas de destruição em massa. No entanto, somente após severas críticas e a exposição de suas relações controversas com fontes governamentais, o NYT reconheceu erros e pediu desculpas públicas. Mesmo assim, a confiança no jornal foi profundamente abalada, demonstrando os perigos da parcialidade editorial quando esta se mistura com interesses políticos externos (Britannica, 2024).

Outro ponto importante é a estrutura de financiamento do jornal, que sofre pressões decorrentes da necessidade crescente de lucratividade, especialmente após o processo de abertura de capital na Bolsa em 1969 (Molina, 2008). Desse modo, tal condição exige do jornal um delicado equilíbrio entre a busca pela credibilidade e a manutenção do retorno financeiro para novos investidores, criando um ambiente propício para influências que podem se materializar nas escolhas editoriais.

Portanto, a subjetividade do The New York Times não é necessariamente uma questão ideológica ou partidária, mas sim um produto complexo da sua estrutura financeira e de

produção jornalística, onde a busca pela autonomia e independência na escrita deve constantemente colidir com as limitações e pressões oriundas de sua condição de empresa aberta e influente no cenário econômico global. Em consequência disso, essa tensão constante suscita reflexões essenciais sobre a influência dos conglomerados de mídia na construção da opinião pública e suas eventuais limitações em garantir uma imparcialidade absoluta.

4. A TEORIA BAKHTINIANA

O Círculo de Bakhtin, formado na década de 1920, é uma das mais influentes correntes teóricas na abordagem da linguagem e da literatura no século XX. Este grupo de pensadores, liderado pelo filósofo Mikhail Bakhtin, contribuiu significativamente para transformar a forma como se entende a relação entre linguagem, cultura e sociedade.

Este surgiu em um período de efervescência intelectual na Rússia, marcado por forças sociais, políticas e culturais em transformação. Nesse sentido, Bakhtin e seus colegas, como Valentin N. Voloshinov e Pavel N. Medvedev, buscaram formas de contestar as abordagens formalistas que dominavam a crítica literária e as ciências sociais, enfatizando a importância do contexto e da interação social na produção de significado, desenvolvendo, assim, uma teoria que transcende as fronteiras das disciplinas, além de utilizar a linguagem como uma ferramenta para entender e subverter hierarquias (Stieg, 2019).

Historicamente, a linguagem foi frequentemente considerada um simples meio de comunicação que servia para transmitir significados de forma direta e objetiva. Essa visão tradicional, que se baseava em um modelo referencial, postulava que as palavras funcionavam como vasos de significado, refletindo com precisão os estados internos e a realidade externa. Nesse sentido, a linguagem era entendida como um sistema neutro, estável e desprovido de ambiguidade, cuja principal função era representar verdades absolutas e facilitar a comunicação clara entre os indivíduos (Willig, 2003).

Em sua obra *Curso de Linguística Geral*, Ferdinand de Saussure introduziu a ideia de que a língua deve ser estudada como um sistema de signos que se relacionam entre si de maneira interna, independentemente do contexto histórico e social em que é utilizada. Logo, para Saussure, a língua (ou "langue") é uma estrutura estática e homogênea, enquanto a fala (ou "parole") representa o uso individual e concreto da linguagem. Essa distinção criava a impressão de que a linguagem era um fenômeno quase mecânico, dominado por regras e normas fixas que guiavam sua operação (Saussure, 2006).

Assim, a visão saussuriana levou a uma abordagem que focava nas propriedades estruturais da língua, ao mesmo tempo em que mantinha uma certa desconsideração em relação às variáveis contextuais e socioculturais. As implicações sociais do uso da linguagem, portanto, eram frequentemente negligenciadas, e sua compreensão se centrava na forma e na estrutura em detrimento das nuances de significado que podem surgir em diferentes contextos sociais.

Foucault (2008) aponta a necessidade de uma nova perspectiva que ultrapasse a visão tradicional, argumentando que é preciso:

[...] não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse "mais" que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (FOUCAULT, 2008, p. 55).

Dessa forma, Bakhtin oferece uma perspectiva radicalmente diferente ao abordar a linguagem como um fenômeno vivo e dinâmico, que reflete e é influenciado por relações sociais e conflitos ideológicos e que o significado é sempre construído por meio da interação entre diferentes vozes, refletindo as condições históricas e culturais de seu uso. Para Bakhtin, a linguagem não é apenas um sistema de signos, mas uma arena de interações multifacetadas, onde vozes diferentes dialogam entre si, é uma prática social ativa que constrói e negocia significados (Bakhtin, 2003).

Além disso, Bakhtin critica a visão de Saussure ao afirmar que a fala, a manifestação individual da linguagem, deve receber a mesma atenção que a língua, ressaltando a importância do contexto específico em que a comunicação ocorre. Nesse sentido, ele propõe que a linguagem é um reflexo das condições sociais e históricas, sendo, portanto, uma expressão das relações de poder e dos conflitos sociais em curso. Desse modo, enquanto a visão saussuriana tende a ver a linguagem como um sistema fixo e abstrato, Bakhtin a concebe como um processo contínuo de transformação, onde a nova significação é constantemente gerada por interações sociais e enfrentamentos ideológicos (Bakhtin, 2003).

Essa perspectiva conduziu Bakhtin a transitar para o conceito de discurso, que ele considera fundamental na análise da comunicação, e que será essencial nesse trabalho. O discurso, para Bakhtin, vai além do ato de enunciar palavras; é uma prática social que envolve a interação entre diferentes vozes e perspectivas. Sendo assim, ele introduz a noção de que cada enunciação é marcada pela presença de outras vozes, sejam elas de autores anteriores ou de interlocutores hipotéticos, ressaltando que a enunciação é um ato que ocorre em um contexto específico e que é influenciado pelas relações sociais estabelecidas (Bakhtin, 2003).

Bakhtin introduz a ideia de que o discurso é um ato social que acontece em um espaço de diálogo, onde as interações verbais são permeadas por referências e ecos de outras enunciações. Isso implica, portanto, que o significado não é fixo ou unilateral, mas sim uma construção contínua que resulta da relação entre o que é dito e o contexto social e cultural em que ocorre. O autor enfatiza, nesse sentido, que o discurso está sempre em dialogia, ou seja, é

um processo de troca entre diferentes vozes que se interrelacionam, havendo sempre uma relação entre o mensageiro e o receptor, e, conseqüentemente provocando uma reação do interlocutor ao que foi enunciado (Bakhtin, 2003).

Orlandi (1999) aponta que frequentemente somos levados a acreditar que nossas palavras são originais; no entanto, essa percepção ignora o fato de que constantemente estamos orbitando em torno de discursos que já foram pronunciados. À vista disso, Bakhtin, ao abordar a questão do discurso, enfatiza que cada enunciação é impregnada por vozes anteriores, refletindo a heteroglossia⁷ que caracteriza a linguagem. Assim, quando repetimos palavras já existentes, não apenas revivemos essas expressões, mas elas também adquirem um novo sentido em nosso contexto, o que nos proporciona a ilusão de originalidade. Entretanto, como Bakhtin nos ensina, devemos ter em mente a condição primordial da linguagem: ela é sempre uma incompletude, em constante transformação e reinterpretação, refletindo as relações sociais e as dinâmicas ideológicas em que está inserida.

Ademais, uma questão central na análise da linguagem, especialmente sob a perspectiva bakhtiniana, diz respeito à relação intrínseca entre enunciados e gêneros do discurso. Essa relação não apenas delinea as características estruturais e funcionais de cada enunciado, mas também contextualiza suas manifestações dentro de configurações sociais específicas, onde os gêneros discursivos emergem como convenções normativas que orientam a produção e a interpretação do discurso. Essa perspectiva permite, portanto, uma compreensão mais abrangente da dinâmica comunicativa, onde os enunciados são considerados como unidades significativas que refletem e são moldadas pelas práticas sociais e pelas expectativas que permeiam cada gênero discursivo (Bakhtin, 2002).

Para Mikhail Bakhtin, os enunciados são as unidades fundamentais da comunicação verbal, representando não apenas uma ocorrência linguística, mas também um ato social imerso em contextos específicos. Dessa forma, os enunciados são construídos em interação com outros discursos e vozes, refletindo a multiplicidade de significados e as relações sociais presentes em um determinado momento histórico. Cada enunciado é singular e carregado de intenções e significados que ultrapassam a simples transmissão de informações. Bakhtin enfatiza, assim, a natureza social dos enunciados, sublinhando que eles são produtos das circunstâncias sociais e culturais nas quais ocorrem.

Bakhtin (2003) afirma que:

⁷ Heteroglossia é o conceito de Bakhtin que descreve a coexistência de múltiplas vozes, discursos e perspectivas em uma sociedade ou texto, mostrando que a linguagem é sempre plural e em constante diálogo com diferentes contextos sociais e históricos (BAKHTIN, 2003).

Os enunciados são a real forma de ser da linguagem e da vida; eles têm a capacidade de mediá-las, sendo que a linguagem se manifesta na forma de enunciados concretos que revelam as intenções de quem fala e a diversidade das interações sociais. Cada enunciado é construído a partir de um conjunto de vozes que dialogam entre si, estabelecendo, assim, um espaço intersubjectivo (BAKHTIN, 2003).

O enunciado, logo, como unidade de linguagem, não é um evento isolado. Ele é sempre produzido em um contexto que abrange não apenas o falante (enunciador), mas também o ouvinte (enunciado) e o ambiente social e cultural em que a interação acontece. Desse modo, cada enunciado é uma resposta a uma situação comunicativa específica, refletindo as circunstâncias que o moldam.

Bakhtin (2016, p. 82) enfatiza que "o enunciado é um ato que se insere em um diálogo permanente com outros enunciados e vozes, e é através dessa interação que se estabelece o significado da comunicação". Essa concepção sugere que cada enunciado carrega consigo uma carga histórica e social, sendo influenciado por enunciados anteriores e antecipando possíveis respostas. Assim, o que se diz em um enunciado não pode ser plenamente compreendido sem considerar o que precedeu a fala e o que poderá ocorrer em seguida.

Portanto, Bakhtin (2002) apresenta uma abordagem que considera o contexto da enunciação, os destinatários dos enunciados e as mudanças às quais as línguas estão sujeitas em seu uso, além de, evidentemente, levar em conta o enunciador. A esse respeito, Bakhtin (2002) afirma que:

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte (BAKHTIN, 2002, p. 113).

Dessa forma, a análise bakhtiniana destaca que cada interação verbal é permeada por uma multiplicidade de vozes, que incluem tanto as vozes do enunciador quanto as vozes dos outros que são ouvidos, confrontados ou incorporados. Essa polifonia⁸ é um reflexo das tensões ideológicas que interagem em cada deslocamento discursivo. Em outras palavras, a maneira como nos expressamos pode tanto confirmar as ideologias dominantes quanto servir como vetor de resistência e crítica.

Assim, Bakhtin (2016, p. 94) observa que "a linguagem é ideologizada desde suas raízes, pois cada enunciado é uma manifestação de um ponto de vista particular e, em sua

⁸ Polifonia é o conceito de Bakhtin que descreve a presença de múltiplas vozes autônomas em um texto literário, em que cada personagem ou narrador mantém sua própria perspectiva, permitindo que diferentes discursos coexistam sem serem totalmente subordinados à voz do autor (BAKHTIN, 2002).

essência, é sempre uma posição social". Indicando, desta maneira, que os enunciados não são neutros, mas sim imbuídos de pressupostos ideológicos que moldam a maneira como a realidade é percebida e interpretada. Cada ato de fala ou escrita é, portanto, uma participação em uma rede mais ampla de significados, onde as ideologias se entrelaçam.

Bakhtin (2016, p. 137) ainda argumenta que "os gêneros do discurso funcionam como molduras sociais que determinam não apenas a forma, mas também o conteúdo do que é comunicado". Isso indica que, ao utilizar um determinado gênero, os falantes não apenas seguem um conjunto de regras formais, mas também evocam e reproduzem as ideologias que esse gênero carrega. Por exemplo, discursos políticos, científicos ou literários não só comunicam informações, mas também refletem e promovem determinadas visões de mundo, reforçando ou contestando as normas sociais vigentes.

Essa dinâmica é particularmente evidente em contextos sociais onde determinados gêneros discursivos são favorecidos em detrimento de outros, revelando assim relações de poder. Logo, a escolha de um gênero em particular pode servir para legitimar certas vozes e silenciar outras, o que tem um impacto direto na construção da ideologia. Bakhtin (2016, p. 142) evidencia que "a heterologia⁹ presente nos gêneros do discurso traduz a pluralidade de vozes da cultura, onde disputas ideológicas se manifestam". Assim, o gênero do discurso emerge como um campo de batalha onde diferentes ideologias se confrontam, refletindo a complexidade das relações sociais.

Portanto, ao considerarmos os gêneros do discurso como formas de materializar a ideologia na linguagem, reconhecemos seu papel fundamental na construção e na contestação de significados sociais. Eles não apenas legitimam certas formas de comunicação, mas também atuam como arenas onde ideologias se manifestam, se negociam e se transformam ao longo do tempo.

Os gêneros de discurso são fundamentais para a organização da comunicação verbal e podem ser classificados em primários e secundários, cada um com suas características específicas. O gênero de discurso primário emerge em situações de comunicação espontânea e direta, refletindo interações verbais mais simples e imediatas. Exemplos típicos incluem diálogos cotidianos, relatos pessoais e instruções diretas (Bakhtin, 2016, p. 160).

Por outro lado, os gêneros de discurso secundário são mais complexos, resultantes da combinação e transformação dos gêneros primários em contextos de comunicação cultural

⁹ Heterologia é o conceito de Bakhtin que se refere à presença e reconhecimento da alteridade nos discursos, destacando a diferença e a pluralidade das vozes em interação dentro de um texto ou contexto social (BAKHTIN, 2016).

elaborada, geralmente escrita (Bakhtin, 2016, p. 182). Um exemplo proeminente desse tipo de discurso é o texto jornalístico, que será o objeto de estudo do presente trabalho, que incorpora múltiplas vozes e intencionalidades, inserindo-se em um contexto ideológico específico e dialogando com outras formas discursivas para construir sentidos polifônicos. Essa complexidade reflete, assim, a heteroglossia inerente aos gêneros secundários, nos quais diferentes perspectivas e posicionamentos interagem dinamicamente, evidenciando a presença de uma multiplicidade de discursos em tensão e negociação constante.

5. METODOLOGIA

Esta pesquisa adota uma abordagem de caráter qualitativo, pois busca analisar e interpretar a narrativa do jornal The New York Times sobre o conflito entre Israel e Palestina, diferentemente de um levantamento quantitativo de dados, o foco está na interpretação das vozes presentes nos textos jornalísticos, nas intencionalidades discursivas e nos contextos ideológicos que permeiam a narrativa.

. O objetivo geral é analisar a cobertura noticiosa do conflito israelo-palestino, no período de 07 de outubro de 2023 à 07 de novembro de 2023, no The New York Times. Para alcançar esse objetivo, a pesquisa se fundamenta na análise de discurso de Mikhail Bakhtin. Essa metodologia é particularmente relevante porque permite investigar a natureza dialógica do texto jornalístico, considerando-o como um campo de disputas e vozes sociais. Assim, a análise não se limita ao conteúdo explícito, mas também explora as entonações, os gêneros do discurso e a interação entre as diferentes vozes presentes no material, o que possibilita um aprofundamento na compreensão da complexidade da narrativa proposta pelo periódico.

A bibliografia para a construção da base teórica e a revisão de literatura foi buscada principalmente no Google Acadêmico, além de outros bancos de dados e repositórios acadêmicos como o Scielo. A busca foi realizada em dois momentos: a priori, foram usadas as palavras-chave relacionadas ao conflito e à mídia, como "conflito Israel-Palestina", "cobertura de guerra", "mídia e Política Externa" e "discurso midiático". Em seguida, a busca se aprofundou nas áreas teóricas, utilizando termos como "Mikhail Bakhtin", "teoria Bakhtiniana", "análise de discurso" e "narrativa jornalística", priorizando textos que fundamentam a metodologia do trabalho.

A coleta dos dados analisados foi realizada por meio da plataforma digital do jornal The New York Times (nytimes.com), utilizando a ferramenta de busca interna do site. Foram pesquisados, a partir dos filtros disponíveis do periódico, os termos "Israel" e "Palestine" na seção "World", abrangendo o período entre 7 de outubro e 7 de novembro de 2023, considerando a data em que o conflito em Israel eclodiu. Essa delimitação temporal permitiu valorizar matérias que focassem diretamente no conflito atual e nos dois protagonistas principais, Israel e Palestina, assegurando que a análise recortasse a cobertura jornalística em um momento de intensa escalada bélica e repercussões globais imediatas. Ao concentrar-se nesse intervalo, foi possível capturar a construção discursiva dominante que emerge nas primeiras semanas do conflito, quando as narrativas são especialmente persistentes e

influentes na formação da opinião pública internacional. Tal escolha também possibilitou examinar como o jornalismo do New York Times atuou como espaço de legitimação e silenciamento, configurando um cenário assimétrico entre as vozes israelenses e palestinas, e refletindo as tensões geopolíticas e interesses estratégicos que permeiam a cobertura midiática.

O resultado da pesquisa consistiu em 64 notícias, no entanto, foram extraídos somente as que abrangiam o conflito em si, ao mesmo tempo em que foram excluídas as notícias que abordavam apenas outros países, líderes mundiais ou organizações, para garantir a especificidade do material analisado. Assim, buscou-se priorizar o conteúdo que tratasse especificamente do enfrentamento entre esses dois atores, excluindo informações que extrapolassem esse escopo, assegurando maior precisão e foco à análise desenvolvida.

Dessa forma, o corpus foi composto por 25 notícias publicadas pelo jornal (Tabela 1), selecionadas, portanto, devido à relevância temática, o protagonismo dos dois atores, Israel e Palestina, mas juntamente à diversidade de enfoques, o que possibilita observar como diferentes dimensões do conflito são representadas. A escolha do The New York Times justifica-se pela sua posição de prestígio no cenário jornalístico internacional e pela influência que exerce na construção de percepções globais sobre a questão palestino-israelense.

Tabela 1: Notícias selecionadas do NYT

DATA DE PUBLICAÇÃO	AUTOR (A/ES)	TÍTULO	SEÇÃO NO <i>TIMES</i>
7 Out 2023	Josh Holder e James Glanz	Maps: Tracking the Attacks in Israel and Gaza	Middle East Crisis
7 Out 2023	Emma Bubola	Here is a timeline of the clashes between Palestinian militants and Israel.	Middle East Crisis
8 Out 2023	Andrés R. Martínez	Here's a timeline of Saturday's attacks and Israel's retaliation.	Middle East Crisis
8 Out 2023	Tiffany May	A Quick Look at Hamas	Middle East Crisis
9 Out 2023	Raja Abdulrahim e Ameera Harouda	Israeli Airstrikes Hit Marketplace and	Middle East Crisis

		Mosques in Gaza, Killing Dozens	
9 Oct 2023	Isabel Kershner, Aaron Boxerman e Hiba Yazbek	Israel Orders 'Siege' of Gaza; Hamas Threatens to Kill Hostages	Middle East Crisis
10 Oct 2023	Roni Caryn Rabin	Peace Activists Are Among the Israelis Missing and Killed	Middle East Crisis
10 Oct 2023	Patrick Kingsley and Isabel Kershner	As Scale of Atrocities Emerges, Biden Condemns Hamas Attacks as 'Sheer Evil'	Middle East Crisis
10 Oct 2023	Raja Abdulrahim e Ameera Harouda	Nowhere to Hide in Gaza as Israeli Onslaught Continues	Middle East Crisis
10 Oct 2023	Raja Abdulrahim e Ameera Harouda	Israeli airstrikes hit targets in Gaza that are typically safe havens — schools, mosques and hospitals.	Middle East Crisis
11 Oct 2023	Hiba Yazbek, Nicholas Casey e Patrick Kingsley	Israel Forms Unity Government and Bombs Gaza in the Wake of Hamas Attack	Middle East Crisis
13 Oct 2023	Raja Abdulrahim	Thousands Flee Northern Gaza as Israeli Evacuation Order Stirs Panic	Middle East Crisis
14 Oct 2023	Raja Abdulrahim, Aaron Boxerman, Victoria Kim, Hiba Yazbek e Karen Zraick	Humanitarian Crisis Worsens in Gaza as Invasion Looms, U.N. Says	Middle East Crisis
14 Oct 2023	Raja Abdulrahim	Nearly Half of Gaza's Population Displaced in Humanitarian Crisis	Middle East Crisis

14 Oct 2023	Steven Erlanger	Palestinian Citizens of Israel Are Wary, Weary and Afraid	Middle East Crisis
15 Oct 2023	Roger Cohen	Slaughter at a Festival of Peace and Love Leaves Israel Transformed	Middle East Crisis
10 Oct 2023	Raja Abdulrahim	Gaza's Hospitals Face 'Impossible' Choices With Israel Evacuation Order	Middle East Crisis
16 Oct 2023	Patrick Kingsley e Ronen Bergman	Tracking Cellphone Data by Neighborhood, Israel Gauges Gaza Evacuation	Middle East Crisis
17 Oct 2023	Nicholas Casey, Monika Pronczuk e Aaron Boxerman	'No More Safe Places in Gaza': Evacuees Face Airstrikes in North and South	Middle East Crisis
19 Oct 2023	Nicholas Casey and Euan Ward	What Is Hezbollah, the Group That Poses a Threat to Israel From the North?	Middle East Crisis
26 Oct 2023	Vivian Yee	Gazans Release Names of 6,747 People They Say Were Killed in Israeli Strikes	Middle East Crisis
28 Oct 2023	Patrick Kingsley, Ronen Bergman e Yousur Al-Hlou	Netanyahu Says Israeli Troops Have Pushed Into Gaza	Middle East Crisis
3 Nov 2023	Karen Zraick e Iyad Abuheweila	Many are killed near a Gaza hospital, its chief says, in a strike the Israelis say was aimed at Hamas.	Middle East Crisis
5 Nov 2023	Isabel Kershner	Israel accuses Hamas of operating out of 2 more Gaza hospitals.	Middle East Crisis

5 Nov 2023	Anushka Patil	Israel Announces 'Large Attack' as Communications Blackout Cuts Off Gaza	Middle East Crisis
------------	---------------	--	--------------------

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A partir da extração das notícias selecionadas do NYT utilizou-se a ferramenta Easy Scraper para realizar o processo de coleta automatizada dos textos. O Easy Scraper é um software eficiente para extração de dados web, que permite capturar conteúdos específicos de páginas online de forma rápida e organizada, facilitando a obtenção de um grande volume de dados textuais sem a necessidade de intervenção manual, o que assegura maior precisão e economia de tempo na coleta das notícias relevantes.

Após a coleta, os textos extraídos passaram por um processo de pré-processamento utilizando o ambiente de desenvolvimento Visual Studio Code. Essa etapa incluiu a limpeza do conteúdo, remoção de elementos não textuais, padronização de formatos e segmentação dos textos para preparar os dados para a análise posterior. Ademais, a metodologia de codificação dos dados obtidos será apresentada com maior detalhamento no Apêndice A, onde serão explicados os procedimentos adotados para garantir a rigorosidade e a consistência da análise.

Finalmente, os dados tratados foram importados para o software Iramuteq — uma ferramenta desenvolvida com as linguagens de programação R e Python e vinculada ao pacote estatístico R — que oferece recursos robustos para a análise de grandes corpos textuais. Por meio de técnicas como classificações hierárquicas descendentes, análise de similitude e elaboração de nuvens de palavras (INTERFACE..., [s.d.]), o Iramuteq possibilitará a identificação das principais temáticas abordadas nos textos, o mapeamento das relações entre conceitos e a detecção de padrões discursivos presentes nos editoriais.

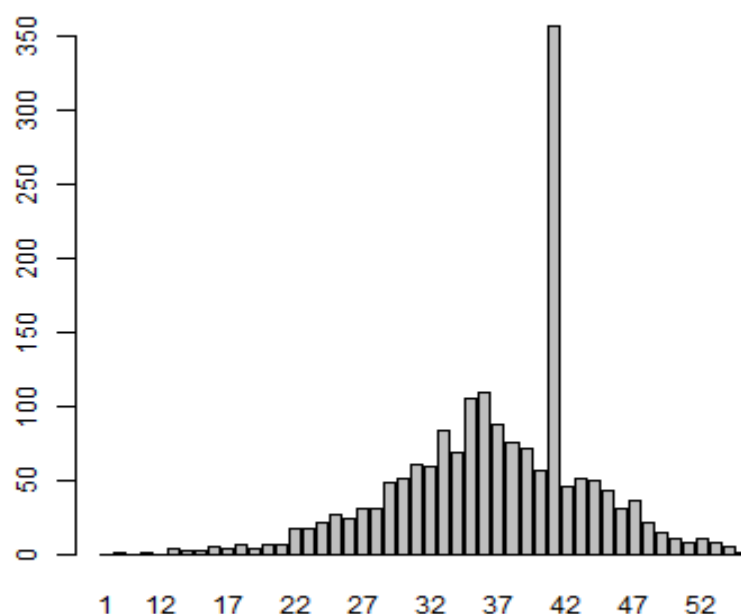
Essa análise quantitativa será aprofundada pela abordagem teórica bakhtiniana, que enfatiza o dialogismo como princípio fundamental para compreender o funcionamento dos discursos. Segundo Bakhtin, o texto jornalístico não é monológico, mas sim constituído por múltiplas vozes que coexistem, interagem e se confrontam, configurando uma polifonia ideológica. Assim, ao analisar as notícias do The New York Times sobre o conflito Israel-Palestina, pretende-se identificar não apenas os conteúdos temáticos, mas também como diferentes posições, perspectivas e valores se manifestam e dialogam entre si dentro do texto. Portanto, a união desses procedimentos permitirá avaliar como o New York Times

constrói o conflito em sua narrativa jornalística, evidenciando quais enunciados ganham maior relevo e quais perspectivas são fortalecidas ou marginalizadas.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O corpus submetido ao IRaMuTeQ apresentou um total de 1.816 segmentos de texto, distribuídos a partir de 25 matérias jornalísticas do *New York Times*. A média foi de 36,6 palavras por segmento, com maior concentração em torno de 40 palavras, conforme indica o histograma de distribuição (Figura 1). Assim, esse resultado confirma a homogeneidade do processo de segmentação e a adequação do material para análises estatísticas.

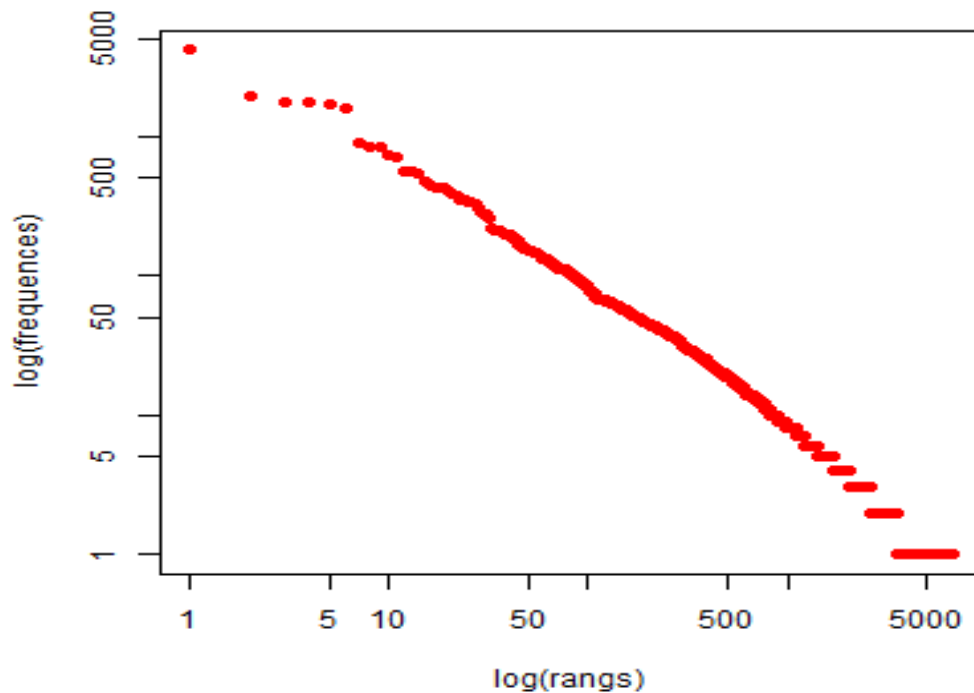
Figura 1 – Distribuição do tamanho dos segmentos



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Do ponto de vista lexical (Figura 2), o corpus apresentou 6.736 formas distintas, sendo 2.485 com frequência maior ou igual a três ocorrências. Esse volume assegura que a análise não se restringe a palavras ocasionais ou isoladas, mas abarca termos com circulação consistente ao longo do material. A curva de distribuição segue o padrão esperado pela lei de Zipf, isto é, a predominância de um número reduzido de palavras altamente recorrentes e uma vasta periferia de termos pouco frequentes.

Figura 2 – Distribuição lexical segundo a lei de Zip



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

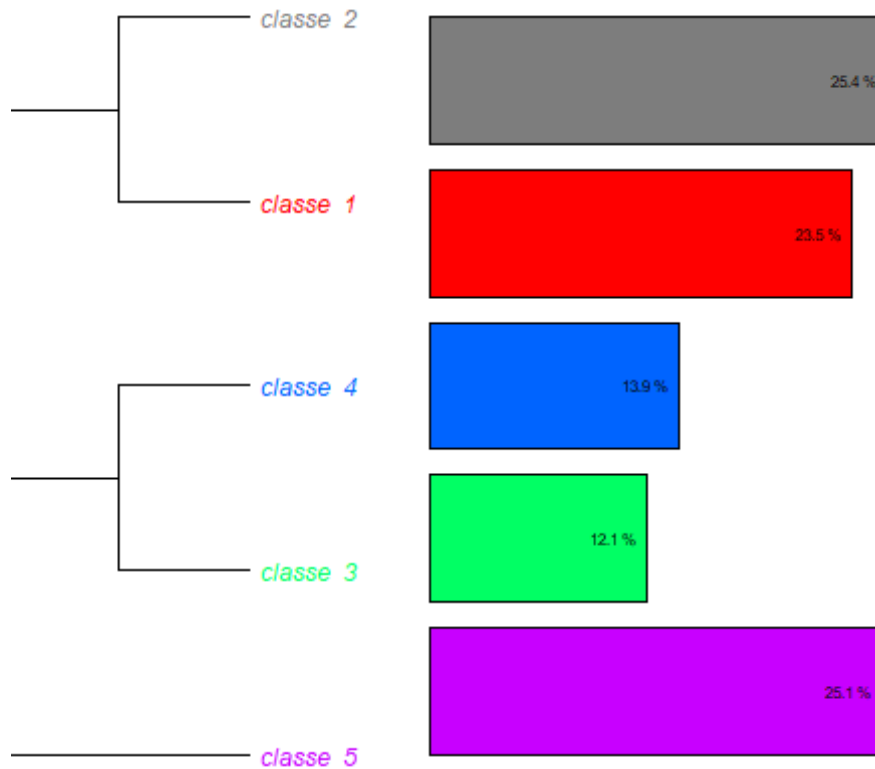
Entre os vocábulos mais recorrentes estão Gaza ($f = 833$), Israel ($f = 709$), Israeli ($f = 561$) e Hamas ($f = 431$), que constituem o núcleo semântico central do corpus. Em contraste, centenas de termos periféricos aparecem apenas uma ou duas vezes, compondo a cauda longa característica de corpora linguísticos. Essa configuração confirma, assim, a robustez da base analisada e respalda a interpretação dos resultados, uma vez que os padrões identificados refletem tendências discursivas consistentes, e não artefatos de segmentação ou distorções ocasionais.

6.1 Classes

A Classificação Hierárquica Descendente (CHD) realizada no corpus permitiu a identificação de cinco classes temáticas representadas no dendrograma (Figura 3 e Tabela 2). Sendo assim, cada classe corresponde a um agrupamento de segmentos de texto que compartilham proximidade lexical, o que possibilita visualizar padrões discursivos e recorrências de vocabulário no material analisado. As classes se distribuem de maneira relativamente equilibrada, variando entre 12,1% e 25,4% dos segmentos, o que indica uma

heterogeneidade temática significativa na cobertura jornalística do New York Times sobre o conflito Israel–Palestina.

Figura 3: Dendograma



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Tabela 2: Dendograma

Classe	Percentual de segmentos	Temática predominante
Classe 1	23,50%	Vozes institucionais e diplomáticas (Netanyahu, Biden, Blinken, ONU, EUA)
Classe 2	25,40%	Narrativas pessoais e afetivas (família, sobreviventes, kibbutz, hostages)
Classe 3	12,10%	Crise humanitária (hospital, wounded, food, fuel, displaced)
Classe 4	13,90%	Diplomacia e cessar-fogo (envoy, negotiation, international, ceasefire)
Classe 5	25,10%	Conflito militar ampliado (military, Hamas, Hezbollah,

		Lebanon, war)
--	--	---------------

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Essa configuração demonstra que não há um domínio absoluto de uma única narrativa no corpus, mas sim a presença de diferentes blocos discursivos que refletem distintas perspectivas sobre o conflito. Enquanto algumas classes concentram a voz institucional e diplomática, outras privilegiam o campo militar, o sofrimento humanitário ou ainda relatos de caráter pessoal e afetivo. O dendrograma, portanto, não apenas organiza quantitativamente o corpus, mas também fornece uma base para a interpretação qualitativa, ao mostrar como o discurso jornalístico se fragmenta em núcleos temáticos específicos. Logo, a partir dessa estrutura, será possível analisar em detalhe cada uma das classes, evidenciando os sentidos que emergem da articulação entre léxico, temas e vozes sociais.

A Figura 4 apresenta a projeção fatorial das classes, a partir da Análise Fatorial de Correspondência (AFC), que permite observar de maneira gráfica a disposição das palavras em função de sua proximidade lexical e semântica. Esse tipo de representação é relevante porque evidencia os campos lexicais mais recorrentes e suas respectivas associações, oferecendo uma visualização complementar ao dendrograma.

Figura 4: Fatorial de Classes

Nessa projeção, é possível notar que os termos vinculados às vozes institucionais e diplomáticas, como “Netanyahu”, “Biden” e “Blinken”, concentram-se no quadrante superior esquerdo, compondo o núcleo da Classe 1. Essa disposição espacial indica que a classe é fortemente marcada pela presença de autoridades políticas e estatais, revelando o peso do discurso institucional no corpus. Já os vocábulos ligados ao campo militar, como “military”, “troops”, “ground”, “Gaza”, e ao eixo humanitário, “hospital”, “wounded”, “fuel”, “food”, “water”, ocupam principalmente o quadrante direito, associados às Classes 3 e 4. Isso sugere, então, uma proximidade entre a narrativa militar e a humanitária, refletindo como a violência bélica e suas consequências sociais aparecem interligadas no noticiário.

Por outro lado, os léxicos de caráter mais afetivo e pessoal, como “she”, “her”, “family”, “kibbutz”, concentram-se na região inferior do gráfico, caracterizando a Classe 2.

Esses termos apontam para a emergência de relatos individuais e experiências de sofrimento, que introduzem uma dimensão mais íntima e humanizada à cobertura jornalística. A visualização espacial, portanto, permite constatar a articulação entre diferentes esferas discursivas, institucional, militar, humanitária e pessoal no interior do mesmo corpus.

É importante ressaltar, contudo, que a Classe 5 não aparece de forma claramente destacada no plano fatorial, uma vez que compartilha léxico com classes vizinhas. Isso não significa perda de relevância, mas sim a demonstração de uma intersecção semântica, já que seu vocabulário guarda proximidade com os campos militar e diplomático. Assim, a AFC confirma o caráter polifônico do corpus: ainda que cada classe tenha contornos próprios, as fronteiras entre elas não são estanques, refletindo a natureza dialógica do discurso jornalístico sobre o conflito.

6.1.1 Classe 1 – Vozes Institucionais e Diplomáticas (23,5%)

A primeira classe identificada correspondeu a 23,5% dos segmentos classificados e reúne, de modo predominante, as vozes institucionais e diplomáticas, notadamente aquelas ligadas a lideranças políticas de Israel, dos Estados Unidos e de organismos internacionais. Trata-se do núcleo em que o discurso jornalístico privilegia a fala de atores estatais, conferindo-lhes centralidade na narrativa. Termos como Netanyahu, Biden e Blinken aparecem reiteradamente, assim como menções à ONU e a representantes do governo norte-americano.

Um exemplo ilustrativo pode ser observado em um dos trechos analisados: “Secretary Antony Blinken met with Prime Minister Benjamin Netanyahu in Tel Aviv, reaffirming U.S. support for Israel’s right to defend itself. The United Nations envoy, however, urged restraint and called for humanitarian corridors to be opened.” Nesse segmento, evidencia-se o peso da diplomacia estadunidense na legitimação do discurso pró-Israel, ao mesmo tempo em que a presença da ONU aparece como contraponto moderado, cujo apelo humanitário é descrito de forma periférica.

A análise dessa classe mostra que a cobertura do New York Times organiza-se em torno de uma hierarquia discursiva, na qual Israel e seus aliados políticos ocupam a posição de sujeitos enunciadoreis, dotados de autoridade e legitimidade, enquanto as demais vozes diplomáticas aparecem em função reativa. À luz da teoria bakhtiniana, pode-se afirmar que o corpus revela uma polifonia assimétrica: diferentes vozes se fazem ouvir, mas não em condições equânimes de circulação. A voz institucional israelense se projeta como eixo

organizador da narrativa jornalística, e as demais são enquadradas como comentários secundários, reforçando o lugar central do Estado de Israel no conflito.

Além disso, o jornal destaca o apoio explícito dos Estados Unidos ao direito de Israel de se defender, ao mesmo tempo em que caracteriza o Hamas de forma negativa, afirmando que “Hamas has since been responsible for suicide attacks against Israeli civilians, and the kidnapping and killing of Israeli soldiers. The United States is among the countries that have deemed it a terrorist group” e “In Washington, President Biden said more than 1,000 civilians had been killed by Hamas fighters, including women, children and elders, acts he characterized as “pure unadulterated evil.” Essa narrativa reforça, portanto, a legitimidade das ações israelenses ao posicionar o Hamas como um ator violento e criminoso, alinhando-se à perspectiva norte-americana. É importante considerar, ainda, que Noakes e Wilkins (2002) revelaram que, durante as décadas de 1980 e 1990, as representações dos palestinos no New York Times e na Associated Press frequentemente os enquadravam como “terroristas violentos”, “militantes islâmicos” ou “a origem dos problemas políticos no Oriente Médio”, evidenciando um padrão de estigmatização que influencia a percepção pública e legítima determinadas políticas externas.

Nesse sentido, a mídia, ao representar o conflito entre Israel e Hamas, frequentemente constrói enunciados que, segundo a perspectiva bakhtiniana, não são meras transmissões neutras de informação, mas complexos produtos sociais carregados de intenções ideológicas e culturais. O discurso que rotula o Hamas como “terrorista” e Israel como agindo em “legítima defesa” configura-se, logo, como um enunciado que dialoga com outras vozes presentes no cenário político e midiático global, incorporando e reproduzindo determinadas visões hegemônicas. Essa construção não apenas reflete mas também reforça uma narrativa que legitima o poder de um ator e deslegitima o outro, influenciando a percepção pública e política internacional.

Além disso, a abordagem crítica sobre o funcionamento da mídia mostra que os enunciados decorrentes das práticas jornalísticas são parte de um campo discursivo de poder desbalanceado e influenciado por relações econômicas e simbólicas à qual monopólios midiáticos e seus donos podem estabelecer as pautas e moldar os significados de acordo com seus interesses. Desse modo, ao transformar o Hamas em “terrorista” e Israel em “agressor legítimo”, a mídia atua como promotora de uma ideologia que naturaliza a violência de um enquanto condena a do outro, vertendo a mediação do conflito para uma lógica simplista e, por vezes, desinformada.

No plano das Relações Internacionais, essa manipulação discursiva reverbera diretamente nas políticas e nas percepções globais. Conforme Gilboa (1987) e outros autores, a mídia funciona como um ator fundamental na diplomacia midiática, podendo influenciar a opinião pública internacional e, conseqüentemente, a formulação das políticas externas dos Estados envolvidos. Dessa forma, a construção midiática do conflito passa a ser instrumento ao serviço de interesses geopolíticos, atuando como uma plataforma estratégica para reafirmar hegemonias e articular consensos globais em torno de determinadas causas, filtradas e organizadas pelas vozes dominantes presentes no cenário midiático.

Portanto, a análise dos enunciados midiáticos sob a ótica de Bakhtin revela que a comunicação é, inerentemente, um fenômeno social: os discursos sobre o conflito em questão refletem conflitos e consensos ideológicos, relações de poder e contextos históricos específicos que vão muito além do simples relato dos fatos. Reconhecer a natureza socialmente construída desses enunciados aponta para a necessidade de se buscar uma leitura crítica e plural dos discursos midiáticos, que possibilite a contestação das narrativas hegemônicas e abra espaço para outras vozes e interpretações que desafiem padrões dominantes de sentido.

6.1.2 Classe 2 – Narrativas Pessoais e Afetivas (25,4%)

A segunda classe, que reúne 25,4% dos segmentos classificados, concentra-se em narrativas de caráter pessoal e afetivo, associadas a experiências familiares, memórias comunitárias e relatos de sobreviventes. Essa classe é marcada por termos como *family*, *hostages*, *kibbutz* e *survivors*, que remetem a situações de perda, sofrimento e resistência em meio ao conflito. Os segmentos dessa classe apresentam uma dimensão mais íntima do discurso, ao deslocar o foco da institucionalidade para histórias individuais e comunitárias.

Dois trechos exemplares ilustram o relato de uma vítima dos ataques promovidos pelo Hamas: “She described how her family was forced to flee their home in the kibbutz, recalling the moment when gunfire erupted and neighbors were taken hostage” e ainda sobre a mesma vítima “She made visits to the occupied territories to express solidarity with Palestinians and volunteered with an organization that drove sick Palestinians from Gaza into Israel for medical treatment.” Nesse caso, a narrativa pessoal mobiliza uma carga emocional significativa, aproximando o leitor da experiência vivida e criando um efeito de identificação. Observa-se, contudo, que a maior parte desses relatos se refere a personagens israelenses, em

especial familiares de vítimas do ataque do Hamas ou reféns mantidos em cativeiro, reforçando a centralidade do sofrimento israelense no enquadramento do jornal.

Do ponto de vista bakhtiniano, essa classe introduz uma camada de polifonia distinta: as vozes individuais e afetivas irrompem no discurso jornalístico, conferindo-lhe maior densidade humana. Entretanto, essa polifonia permanece seletiva, uma vez que as vozes palestinas são raramente tematizadas em primeira pessoa. O sofrimento palestino tende a aparecer mediado por indicadores humanitários ou institucionais, enquanto o sofrimento israelense emerge em forma de relatos diretos e detalhados. Desse modo, o New York Times mobiliza a dimensão afetiva para reforçar a legitimidade do Estado de Israel, ao humanizar sobretudo suas vítimas e dar-lhes protagonismo discursivo.

Ademais, considerando a perspectiva bakhtiniana sobre os gêneros discursivos e as relações de poder, e incorporando o papel da mídia como “gatekeeper” (White, 1950), a escolha de narrativas pessoais, como os dois trechos que relatam a experiência de uma vítima dos ataques promovidos pelo Hamas, evidencia um mecanismo discursivo que privilegia determinadas vozes e silencia outras. No caso, a narrativa pessoal da vítima, ao mobilizar uma carga emocional significativa, aproxima o leitor da vivência israelense, promovendo um efeito de identificação que potencializa o impacto simbólico dessas experiências individuais.

Portanto, essa seleção não é neutra; a mídia, ao definir a agenda e exercer sua função de gatekeeper, decide quais informações são divulgadas e quais são omitidas. Nesse caso, há uma predominância de relatos focados em personagens israelenses, principalmente familiares de vítimas e reféns, o que reforça a centralidade do sofrimento israelense no enquadramento jornalístico. Tal decisão editorial pode ser influenciada por interesses políticos, resultando em narrativas que favorecem determinadas ideologias e grupos, ao passo que minimizam ou excluem as vozes palestinas e suas experiências.

Portanto, o uso do gênero do testemunho pessoal, sob o controle midiático, atua como instrumento de construção ideológica, consolidando relações de poder simbólico e delineando quais narrativas ganham visibilidade. Isso demonstra como a mídia, ao regulamentar o fluxo informativo, contribui para a legitimação de uma visão dominante do conflito, restringindo o espaço para perspectivas alternativas e aprofundando a assimetria no debate público.

6.1.3 Classe 3 – Crise Humanitária (12,1%)

A terceira classe, responsável por 12,1% dos segmentos classificados, organiza-se em torno do léxico da crise humanitária. Palavras como hospital, wounded, food, fuel e displaced

são recorrentes e revelam a ênfase em aspectos ligados às consequências civis da guerra: destruição de infraestrutura básica, escassez de suprimentos e deslocamento forçado da população.

Dois dos trechos representativos descrevem: “Israeli forces have been steadily surrounding hospitals in northern Gaza, including the Indonesian hospital, which was struck early on Monday morning” e “Israel says that Hamas, the armed group that rules Gaza and was responsible for the Oct. 7 attacks in Israel, has concealed bases inside hospitals, and it has begun releasing videos that it says support its assertion”. A formulação do segmento evidencia a precariedade vivida pela população palestina, mas simultaneamente incorpora a justificativa israelense de que o Hamas utilizaria hospitais como bases militares. Assim, esse movimento discursivo atenua o caráter de denúncia humanitária ao colocar em primeiro plano a narrativa estratégica, segundo a qual a destruição civil seria resultado do uso instrumental de espaços por parte do Hamas.

A análise dessa classe sugere que o New York Times abre espaço para a voz da crise humanitária, mas a enquadra dentro de uma lógica ambivalente: se por um lado denuncia a falta de alimentos, medicamentos e abrigo para civis, por outro, reforça a versão oficial israelense de que tais locais são explorados militarmente pelos palestinos.

Do ponto de vista bakhtiniano, o que se observa é uma polifonia tensionada: a voz humanitária não se apresenta de forma autônoma, mas dialoga com o discurso institucional-militar, que relativiza o sofrimento civil. De um lado, há a voz que denuncia a precariedade da população palestina, ressaltando o contexto de sofrimento e o impacto humanitário da agressão às instituições hospitalares. Por outro, o enunciado incorpora a justificativa israelense, que atribui ao Hamas o uso estratégico e instrumental desses espaços civis como bases militares. Dessa forma, essa inserção da narrativa israelense representa um posicionamento dialogicamente responsivo ao discurso do Estado de Israel, antecipando críticas e buscando legitimar as ações militares.

Nesse processo dialógico, o emissor do discurso não se limita a apenas expressar uma denúncia unilateral, ele dialoga com a narrativa adversária, concedendo-lhe espaço dentro do enunciado. Tal concessão, porém, atenua o impacto da crítica humanitária ao colocar em destaque a justificativa estratégica, deslocando o foco da denúncia para a lógica militar e assim justificando, até certo ponto, a destruição dos espaços civis.

Assim, a relação entre emissor e receptor, prevista por Bakhtin, é marcada por uma tentativa de influenciar a interpretação do interlocutor, orientando-o a reconhecer a complexidade da situação e a entender a ação israelense como uma resposta condicionada ao

uso militarizado de hospitais pelo Hamas. O discurso, portanto, não é uma simples transmissão de fatos, mas um espaço de negociação e conciliação entre diferentes vozes, em que o significado é construído de forma polifônica e estratégica.

6.1.4 Classe 4 – Diplomacia e Cessar-Fogo (13,9%)

A quarta classe, que corresponde a 13,9% dos segmentos, concentra-se nas discussões em torno da diplomacia internacional e das tentativas de negociação de cessar-fogo. Os termos mais recorrentes incluem *envoy*, *negotiation*, *international* e *ceasefire*, que remetem a encontros bilaterais, pressões de organismos multilaterais e posicionamentos de mediadores externos.

Um dos trechos exemplares afirma: “International envoys pressed for a ceasefire as negotiations intensified in Cairo, though Israeli officials insisted that military operations would continue until Hamas was dismantled.” A estrutura do enunciado revela o jogo de vozes em disputa: de um lado, a pressão internacional por interrupção das hostilidades; de outro, a recusa israelense, sustentada pelo argumento da necessidade de autodefesa.

A análise dessa classe indica que, embora a diplomacia e o apelo pelo cessar-fogo tenham espaço no noticiário, eles aparecem frequentemente subordinados à lógica militar. Desse modo, o discurso jornalístico apresenta a voz internacional como tentativa de mediação, mas a articula de maneira a ressaltar a intransigência de Israel, cuja posição é tratada como decisiva para a resolução do conflito. Em termos bakhtinianos, tem-se aqui a materialização de um dialogismo em que as vozes de mediação circulam, mas não possuem a mesma força de autoridade: aparecem como eco, contraponto ou resistência frente ao eixo central de poder ocupado por Israel e seus aliados.

6.1.5 Classe 5 – Conflito Militar Ampliado (25,1%)

A quinta classe, responsável por 25,1% dos segmentos, reúne os trechos que descrevem diretamente a dinâmica militar do conflito, incluindo a atuação do Hamas, de grupos aliados como o Hezbollah e de atores regionais envolvidos em confrontos na Cisjordânia, no Líbano e no Iêmen. Palavras como *military*, *troops*, *Hamas*, *Hezbollah* e *war* compõem o núcleo lexical dessa classe, caracterizando-a como a mais intensamente voltada para o campo bélico.

Um dos segmentos analisados exemplifica essa tendência: “Frequent clashes continue along Israel’s volatile border with Lebanon. Israel’s military and Hezbollah, an armed militant group and ally of Hamas operating in Lebanon, have continued to clash along Israel’s volatile northern border.” Nesse trecho, observa-se a ênfase no risco de escalada regional, em que Israel é retratado como alvo de múltiplas ameaças simultâneas.

A análise dessa classe mostra que o New York Times privilegia a descrição do aparato militar israelense e de seus embates diretos, projetando a imagem de um Estado sitiado, mas dotado de capacidade tecnológica e estratégica superior, já a voz palestina aparece majoritariamente como ligada a grupos armados, frequentemente caracterizados pelo enquadramento do terrorismo. Assim, a narrativa reforça a oposição entre um Israel institucionalizado, dotado de legitimidade política e militar, e organizações palestinas ou regionais associadas à clandestinidade e à ameaça.

À luz da perspectiva bakhtiniana, a Classe 5 evidencia como o discurso jornalístico opera na construção de fronteiras simbólicas entre vozes autorizadas e vozes deslegitimadas. Embora componha uma dimensão crucial da polifonia, a presença de atores não estatais, Hamas, Hezbollah, milícias regionais, aparece marcada por um caráter monológico, em que suas falas raramente são apresentadas diretamente, mas quase sempre mediadas ou reinterpretadas pelo discurso israelense e ocidental. Consequentemente, o resultado é a reprodução de uma narrativa em que a violência palestina é enfatizada, enquanto a violência israelense é contextualizada como resposta estratégica.

Dessa forma, a mídia contribui para a naturalização de uma postura imperialista, sustentando legitimações políticas e militares que visam manter a ordem global vigente e os interesses dos atores dominantes. Em última instância, esse processo discursivo contribui para moldar a percepção pública, condicionando a aceitação social de políticas intervencionistas e reforçando polarizações geopolíticas, tal como apontado por Monteiro e Lessa (2020).

6.2 Nuvem de Palavras

A análise textual permite identificar, no núcleo central da nuvem de palavras (Figura 5), os termos Gaza (f = 833), Israel (f = 709), Israeli (f = 561), Hamas (f = 431) e military (f = 255). Esses vocábulos, representados em maior dimensão gráfica, evidenciam a estruturação do corpus em torno da polarização entre o Estado israelense e o grupo Hamas, tendo a guerra como eixo organizador do discurso. Trata-se, portanto, de palavras que orientam a narrativa

forma significativa, eles são, em grande medida, incorporados ao discurso como dados estatísticos de mortes e deslocamentos, e não como vozes enunciativas de sujeitos palestinos. Nesse sentido, o léxico humanitário, ainda que presente, é enquadrado de modo a reforçar a condição passiva das vítimas e não a sua agência política.

À luz da perspectiva bakhtiniana, a nuvem de palavras confirma a polifonia do corpus, mas de modo hierarquizado. A voz israelense, vinculada a termos militares e institucionais, ocupa o centro da narrativa, enquanto a voz palestina surge deslocada para o campo periférico, associada a vocábulos de sofrimento e perda. Logo, essa configuração revela uma assimetria discursiva que reforça a hipótese de um viés pró-Israel na cobertura, já que as palavras mais recorrentes estruturam o conflito a partir da legitimidade militar e diplomática israelense, relegando a experiência palestina ao plano humanitário.

6.3 Análise de Similitude

A análise de similitude (Figura 6) evidencia os termos que aparecem em maior grau de coocorrência no corpus, revelando as conexões mais estruturantes da narrativa jornalística. O núcleo central do grafo é formado por Israel, Gaza, Hamas, military e strike, palavras que se apresentam fortemente interligadas, indicando a centralidade do campo bélico e institucional no discurso. Esse eixo principal configura a moldura lexical que estrutura o conflito a partir da ação militar israelense em resposta às investidas do Hamas.

Figura 6: Similitude

A projeção fatorial permite observar a distribuição espacial das classes e dos termos de acordo com sua proximidade semântica. No quadrante superior esquerdo concentram-se os vocábulos relacionados às vozes institucionais, como Netanyahu, Biden, Blinken e president, compondo o núcleo da Classe 1. Essa concentração evidencia a centralidade do discurso político e diplomático, que aparece como eixo estruturador da narrativa.

No quadrante direito, observa-se a aproximação entre os léxicos da Classe 3 e da Classe 4. Palavras como hospital ($f = 208$), wounded ($f = 145$), water ($f = 119$), fuel ($f = 111$) e displaced ($f = 137$) situam-se em estreita relação com termos ligados a operações militares, como military ($f = 255$), troops ($f = 122$) e ground ($f = 125$). Essa sobreposição semântica revela que a dimensão humanitária é frequentemente apresentada em conexão direta com a narrativa bélica, reforçando a leitura de que o sofrimento civil palestino surge enquadrado como consequência da guerra, e não como discurso autônomo.

Já na parte inferior do gráfico aparecem os termos de caráter mais afetivo e pessoal, ligados à Classe 2, como family, she, hostages e kibbutz. Assim, esse conjunto lexical se destaca por evocar experiências individuais e comunitárias, ainda que, como se verificou na análise da classe, a maior parte dos relatos seja de israelenses, reforçando o caráter seletivo da humanização promovida pelo jornal.

A Classe 5, que abarca o conflito militar ampliado, não aparece isolada em um quadrante próprio, mas atravessa áreas limítrofes, com vocábulos como Hezbollah, Lebanon e war conectando-se tanto ao núcleo institucional quanto ao humanitário. Isso mostra que essa classe funciona como ponto de intersecção discursiva, articulando o conflito em Gaza a uma rede mais ampla de tensões regionais.

Do ponto de vista bakhtiniano, a AFC confirma o caráter dialógico e polifônico do corpus, mas também a assimetria entre as vozes. Nesse sentido, enquanto as autoridades israelenses e seus aliados ocupam uma posição de centralidade no espaço fatorial, as vozes humanitárias e pessoais se distribuem nas margens, revelando uma hierarquia discursiva que privilegia a perspectiva institucional pró-Israel.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do corpus composto por 25 notícias do The New York Times, publicadas entre 7 de outubro e 7 de novembro de 2023, revelou uma cobertura marcada por uma narrativa predominantemente centrada na figura do Estado de Israel como sujeito legitimado e tecnologicamente superior, enfrentando ameaças múltiplas e simultâneas, especialmente vindas de grupos armados como Hamas e Hezbollah. Tal representação fortalece a imagem de um Estado sitiado, porém estrategicamente capacitado, enquanto os atores palestinos são majoritariamente associados a uma lógica de clandestinidade e terrorismo. Assim, essa construção discursiva não apenas reforça a dicotomia entre um Israel institucionalizado e uma oposição fragmentada e violenta, mas também contribui para a naturalização de uma postura imperialista que visa sustentar interesses políticos e militares globais hegemônicos.

O jornalismo do NYT, ao exercer a função de gatekeeper (White, 1950), seleciona e enfatiza relatos pessoais do sofrimento israelense, conferindo-lhes protagonismo e carga emocional significativa, o que promove um efeito de identificação entre o leitor e as vítimas israelenses. Em contrapartida, a voz palestina é raramente apresentada em primeira pessoa, estando quase sempre mediada por uma lógica humanitária condicionada à justificativa israelense de que grupos palestinos usam locais civis, como hospitais, para atividades militares, fazendo com que o sofrimento palestino seja mostrado, no entanto, sempre junto de uma explicação que tende a justificar as ações militares israelenses. Essa polifonia assimétrica, sob a perspectiva da teoria bakhtiniana, caracteriza-se como um diálogo tensionado e hierarquizado entre vozes legitimadas e vozes deslegitimadas, moldando de forma decisiva a construção simbólica do conflito nos meios de comunicação.

Nesse sentido, o leitor é levado a perceber uma ordem moral e política assimétrica: a violência israelense aparece contextualizada e justificável, enquanto a palestina é enfatizada sobretudo como ameaça. Este processo, logo, contribui para a legitimação da ocupação e das ações militares israelenses, ao mesmo tempo em que silencia as experiências diretas e afetivas dos palestinos, reforçando a invisibilidade social e política desses atores no cenário midiático internacional.

Além disso, a cobertura midiática evidencia uma hierarquia discursiva que posiciona Israel e seus aliados políticos, sobretudo os EUA, como sujeitos legítimos e centrais no enunciado jornalístico, enquanto demais atores diplomáticos aparecem em papel secundário, reforçando o protagonismo israelense e o apoio internacional à sua estratégia militar. Tal força

discursiva tem implicações diretas na formulação da opinião pública e das políticas externas, reiterando a importância de se manter um olhar crítico sobre o papel da mídia na reprodução de discursos hegemônicos e no silenciamento de outras perspectivas.

Ademais, a escolha do recorte temporal entre 7 de outubro e 7 de novembro de 2023 para a análise das 25 notícias do The New York Times é fundamental para compreender a dinâmica discursiva que se desenrolou em um momento de intensificação do conflito Israel-Palestina, marcado por episódios de escalada militar e repercussões internacionais imediatas. Esse intervalo permite captar como a imprensa, diante de uma crise aguda, constrói e reforça narrativas que moldam percepções sociais e políticas em tempo real, oferecendo um panorama sobre a emergência de discursos hierarquizados e polarizados. Além disso, focar nesse período possibilita observar com clareza a atuação do jornal como gatekeeper, evidenciando as estratégias discursivas que privilegiam a voz israelense como legítima protagonista e marginalizam a narrativa palestina, sobretudo por meio da mediação humanitária condicionada à justificativa militar. Nesse sentido, o Hamas é predominantemente enquadrado como um grupo terrorista na cobertura do The New York Times durante o período analisado, o que reforça estereótipos e mecanismos discursivos que legitimizam as ações militares israelenses. Essa caracterização coloca o Hamas como o ator central da violência e da instabilidade, enfatizando sua responsabilidade por ataques suicidas, sequestros e assassinatos de civis israelenses, conforme destacado nas reportagens que reiteram a posição oficial dos Estados Unidos e de outros aliados ocidentais. Tal enquadramento funciona como uma estratégia discursiva que não apenas deslegitima o Hamas como ator político, mas também naturaliza a resposta militar de Israel como uma defesa legítima contra uma ameaça terrorista. Dessa forma, o recorte temporal escolhido reflete a interrelação entre momentos de conflito intenso e o fortalecimento de representações midiáticas que naturalizam posturas imperialistas e consolidam alianças geopolíticas.

Contudo, esse recorte difere significativamente da narrativa atual que tem ganhado força em setores da mídia crítica, acadêmica e em parte do debate público internacional, onde o conflito é pautado com ênfase na perspectiva do genocídio. Atualmente, há um movimento discursivo que busca configurar as ações israelenses como parte de um processo sistemático e intencional de extermínio ou limpeza étnica dos palestinos, atribuindo uma dimensão estrutural e prolongada à violência que transcende episódios isolados de ataque e contra-ataque. Essa narrativa contestatória tensiona as representações midiáticas tradicionais, desafiando as justificativas militares e políticas dominantes e exigindo maior reconhecimento das violações massivas de direitos humanos e do impacto humanitário devastador nos

territórios palestinos. Nesse contexto, o The New York Times vem sendo criticado por silenciar essa perspectiva, conforme destacado no dossiê "O Jornal do Registro Sionista", divulgado pelo coletivo New York War Crimes, que aponta a omissão da narrativa genocida na cobertura do jornal, reforçando assim o monopólio discursivo que privilegia a visão oficial israelense e ocidental.

Conclui-se, portanto, que a cobertura jornalística do The New York Times sobre o conflito Israel-Palestina durante o período analisado não se apresenta de forma neutra, revelando um viés pró-Israel que reforça polarizações e contribui para a naturalização de discursos imperialistas. Em última análise, torna-se fundamental promover uma leitura crítica e plural dos discursos midiáticos a fim de abrir espaço para outras vozes e interpretações que desafiem os padrões dominantes e contribuam para uma compreensão mais abrangente e equilibrada do conflito.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; Horkheimer, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. 251 p.

ADORNO, Theodor. **Dialética Negativa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. 352 p.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Annablume, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Tradução e organização de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016. 164 p.

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. "The New York Times". **Encyclopedia Britannica**, 13 Jul. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/The-New-York-Times>. Acesso em 10 Ago 2025.

BRUNKHORST, Hauke. **A teoria crítica e a análise da sociedade contemporânea de massa**. In: RUSH, Fred (Org.). *Teoria Crítica*. São Paulo: Ideias & Letras, 2008. p. 295-328. Tradução de Beatriz Katinsky e Regina Andrés Rebollo.

CHOMSKY, Noam; HERMAN, Edward S. **Manufacturing consent: The political economy of the mass media**. London: Vintage Books, 1994.

COHEN, Bernard C. **The press and foreign policy**. Princeton: Princeton University Press, 1963.

EUROPEAN COUNCIL. **European Council conclusions on the Middle East**, 26 October 2023. Bruxelas: European Council, 2023. Disponível em: <https://www.consilium.europa.eu/en/press/press-releases/2023/10/26/european-council-conclusions-on-middle-east-26-october-2023/>. Acesso em: 18 ago. 2025.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2005 [1971].

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France**, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo, SP: Loyola, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. 22. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006. [1979].

GILBOA, Eytan. Media diplomacy: channels and signals in international relations. **Journal of Communication**, v. 37, n. 2, p. 26-42, 1987.

GRÃ-BRETANHA. **Declaração de Balfour**. Carta de Arthur James Balfour a Lord Rothschild, 2 de novembro de 1917. Disponível em: https://avalon.law.yale.edu/20th_century/balfour.asp. Acesso em: 16 ago. 2025.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

GUIA rápido para entender o conflito Israel-Hamas. **G1 Globo**, 20 out. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/10/20/guia-rapido-para-entender-o-conflito-israel-hamas.ghtml>. Acesso em: 18 ago. 2025.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. [s.l: s.n.]. Disponível em: <<https://www.leme.uerj.br/wp-content/uploads/2010/10/hall-stuart-a-identidade-cultural-na-pos-modernidade.pdf?>>. Acesso em: 20 Ago 2025.

HALLIN, Daniel C. **The “Uncensored War”: The Media and Vietnam**. New York: Oxford University Press, 1986.

HOLDER, Josh; GLANZ, James. Israel e Gaza: mapas interativos. **The New York Times**, [S.l.], 7 out. 2023. Disponível em: <https://www.nytimes.com/interactive/2023/10/07/world/middleeast/israel-gaza-maps.html?searchResultPosition=1>. Acesso em: 05 set. 2025.

HONNETH, Axel. **The legacy of critical theory for the social sciences**. *European Journal of Social Theory*, v. 11, n. 4, p. 397-405, 2008.

ISRAEL X Hamas: infográfico explica início do confronto ponto a ponto. **G1 Globo**, São Paulo, 10 out. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/10/10/israel-x-hamas-infografico-confronto.ghtml>. Acesso em: 07 set. 2025.

KEOHANE, Robert O.; NYE, Joseph S. **Power and interdependence**. Boston: Little, Brown and Company, 1989.

LÊNIN, Vladimir Ilitch. **Imperialism, the highest stage of capitalism**. Moscow: Progress Publishers, 1979.

LIMA, José Rosamilton de; SANTOS FILHO, Iveraldo Oliveira dos. O jornal norte-americano: The New York Times. **Revista Eletrônica de Comunicação**, v. 7, n. 1, 2012. Disponível em: <http://periodicos.unifacef.com.br/index.php/rec/article/view/895>. Acesso em: 01 set. 2025.

MARCUSCHI, Luis Antônio. **Gêneros textuais**: volume 1: uma introdução à sua análise. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MATAR, Dina; HARB, Zahera (ed.). **Narrating conflict in the Middle East**: discourse, image and communications practices in Lebanon and Palestine. London: I. B. Tauris, 2013.

MCCOMBS, Maxwell; SHAW, Donald L. The agenda-setting function of mass media. **Public Opinion Quarterly**, v. 36, n. 2, p. 176–187, 1972.

MOLINA, Matías M. **Os melhores jornais do mundo: uma visão da imprensa internacional**. São Paulo: Globo, 2008.

MONTEIRO, Elenira N.; LESSA, Mariana L. Mídia e política externa brasileira: uma análise crítica a partir da teoria crítica. **Revista Neiba, Cadernos Argentina-Brasil**, v. 9, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/neiba.2020.50558> . Acesso em: 02 set. 2025.

MORRIS, Benny. **1948: A history of the first Arab-Israeli war**. New Haven: Yale University Press, 2008.

NEW YORK WAR CRIMES. **The Paper of Zionist Record: a dossier on the complicity of The New York Times in Israeli apartheid and genocide**. Disponível em: <https://newyorkwarcrimes.com/dossier> . Acesso em: 21 ago. 2025.

NOAKES, John A.; WILKINS, Karin Gwinn. Shifting frames of the Palestinian movement in U.S. news. **Media, Culture & Society**, v. 24, n. 5, p. 649–671, 2002.

ORLANDI, Eni P.; GUIMARÃES, Eduardo; TARALLO, Fernando. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

RFI. Número de mortes em Gaza devido a ofensiva de Israel supera 30 mil, diz governo do Hamas. **G1 Globo**, [S. l.], 29 fev. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2024/02/29/numero-de-mortes-em-gaza-devido-a-ofensiva-a-de-israel-supera-30-mil-diz-governo-do-hamas.ghtml>. Acesso em: 09 set. 2025.

ROBINSON, Piers. **The CNN Effect: The Myth of News, Foreign Policy and Intervention**. London: Routledge, 2002.

ROBINSON, Piers. The role of media and public opinion. **Foreign policy: theories, actors, cases**, p. 137-154, 2008.

SAID, Edward. **A questão da Palestina**. São Paulo: Unesp, 2011.

SANTOS, Luís Sérgio. **Jornalismo Americano: Duas histórias de poder**. Revista de Comunicação Social, Fortaleza, v.16, n.1-2, p. 71-86, 1986.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHULZ, Kerstin. Foreign policy involvement matters: Towards an analytical framework examining the role of the media in the making of foreign policy. **Global Media Journal-German Edition**, v. 3, n. 1, 2013.

STERN, Tamara. **O conflito israelo-palestino na mídia e a rede social como fonte de informação alternativa**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

SOARES, Jurandir. **Israel x Palestina: as raízes do ódio**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2004.

STIEG, Vanildo. Bakhtin e seu Círculo: preciosas contribuições para a pesquisa em ciências

humanas. **Pró-Discente**, Vitória/ES, v. 25, n. 2, p. 33-52, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/prodiscente/article/view/22019/20571>. Acesso em: 10 Ago 2025

TALESE, Gay. **The kingdom and the power:** behind the scenes at The New York Times: the institution that influences the world. Nova Iorque: Randon House Trade Paperbacks, 2007. Originalmente publicado: Nova Iorque: World Pub. Co., 1969.

THE NEW YORK TIMES. **Innovation.** The New York Times, [S.l.], 24 mar. 2014.

UNITED NATIONS. **History of the Question of Palestine.** United Nations, 2023. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/history>. Acesso em: 17 ago. 2025.

UN PRESS. **Security Council Emergency Meeting on the Situation in Gaza.** United Nations, 2023. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/security-council-2023-round-up-war-in-gaza-un-press-release-9jan-2024/>?. Acesso em: 18 ago. 2025.

WAINBERG, Jacques A. **Mídia e terror:** comunicação e violência política. São Paulo: Paulus, 2005.

WASHINGTON INSTITUTE. **International Reactions to the Hamas Attack on Israel.** Washington Institute for Near East Policy, 2023.

WIEVIORKA, Michel. **Violence:** A new approach. London: Sage, 2009.

WHITE, David Manning. **The gatekeeper.** A case study in the selection of news. *Journalism Quarterly*, v. 27, p. 383-390, 1950.

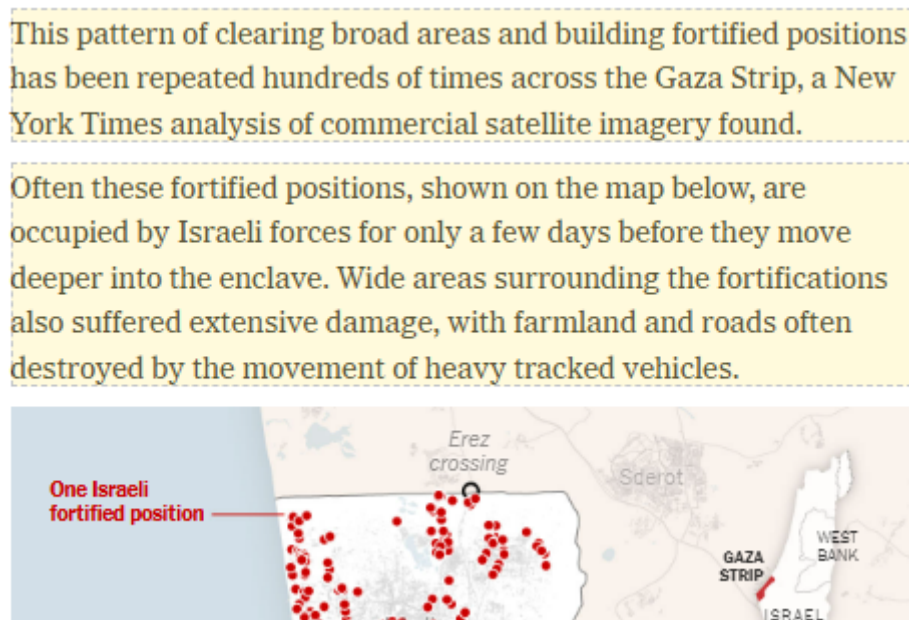
WILLIG, Carla. **Discourse Analysis.** In: SMITH, Jonathan A. (org.). *Qualitative psychology: a practical guide to research methods.* London: Sage, 2003. p. 159-183.

YARCHI, Moran; WOLFSFELD, Gadi; SHEAFER, Tamir; SHENHA V, Shaul R. Promoting stories about terrorism to the international news media: A study of public diplomacy. **Media, war & conflict**, v. 6, n. 3, p. 263-278, 2013.

APÊNDICE A — Preparação e Codificação Dos Dados

Após a identificação e listagem de todos os materiais elegíveis, foi utilizada a ferramenta Easy Scraper (disponível em: <https://easyscraper.com/>). Diferentemente da maioria dos softwares de web scraping, que exigem a construção manual de um scraper prévio para a coleta de dados, o Easy Scraper realiza automaticamente a análise da página e identifica os campos relevantes do HTML feito com CSS, com propriedades como outline, border ou background-color semitransparente (Figura 7). Logo permitindo em seguida a extração imediata das informações que possibilita a obtenção de dados de forma instantânea e em diferentes contextos da web.

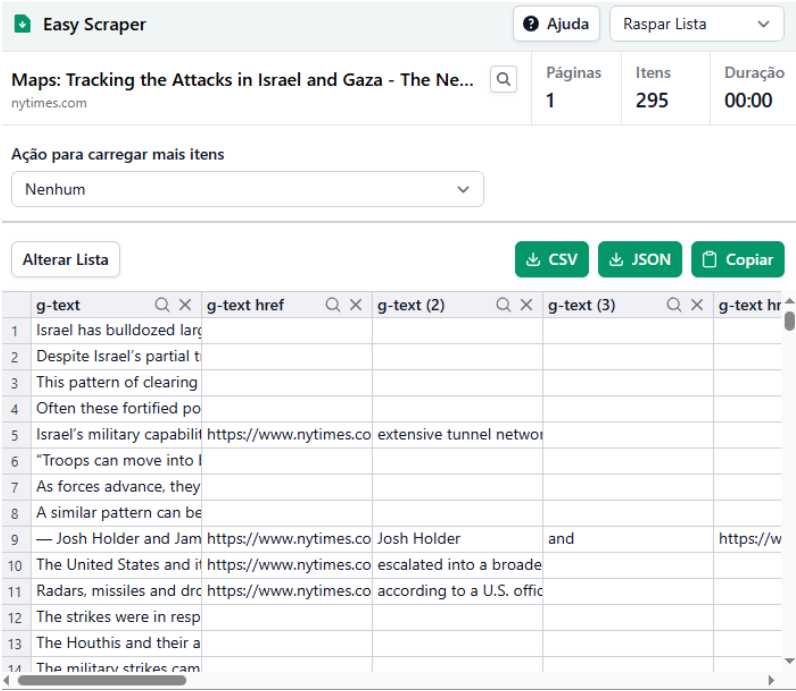
Figura 7: Corpo de texto selecionado



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Conforme ilustrado na Figura 8, a interface da ferramenta apresenta um painel intuitivo no qual são exibidos o número de páginas analisadas, a quantidade de itens coletados e o tempo de execução da raspagem. Após a execução, os dados são estruturados em formato tabular, com colunas que registram tanto o conteúdo textual (nomeado pelo próprio de “g-text”) quanto a outras respectivas informações e (g-text href), além de campos adicionais que armazenam informações complementares (como autores e citações).

Figura 8: Scrapping de dados da cobertura “Maps: Tracking the Attacks in Israel and Gaza “ (Holder; Glanz, 2023)



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A extração pode ser exportada diretamente em diferentes formatos, como CSV ou JSON, o que amplia a interoperabilidade com softwares de análise de dados e linguagens de programação. Assim, no exemplo em questão da cobertura “Maps: Tracking the Attacks in Israel and Gaza” (Holder; Glanz, 2023), a raspagem resultou em 295 itens provenientes da página do The New York Times, permitindo a coleta sistemática de todos os trechos textuais e metadados associados a composição lógica.

Após a coleta do material, é realizada ainda na plataforma, uma limpeza de interrupções de fluxos de leitura como links, elementos avulsos da página e eventuais duplicatas, o que ocasiona num truncamento do corpo textual, totalizando uma tabulação de um total de 278 itens extraídos do material (Figura 9).

Figura 9: Limpeza do material coletado

Easy Scraper

Ajuda Raspar Lista

Maps: Tracking the Attacks in Israel and Gaza - The New York Times

nytimes.com

Páginas 1 Itens 278 Duração 00:00

Ação para carregar mais itens

Nenhum

Alterar Lista Reset Columns

CSV JSON Copiar

g-text

261 Lt. Col. Richard Hecht of the Israel Defense Forces said that not all of the breaches in the border fence had been fully closed, and more militants could still be crossing into Israeli territory from Gaza.

262 "We are still fighting," he said at a briefing on Monday morning. "We thought by this morning we'd be in a better place."

263 More people died in Israel in a single day than any other day since Israel became a state, according to Israel's foreign press office. Around 700 Israelis had died since attacks began on Saturday, according to

264 Both sides are continuing attacks, and if Israel uses the same playbook it has in recent conflicts and clashes last more than a few days, the Palestinian death toll will be disproportionate. In recent confrontations

265 The U.N. reported that 11 Israelis were killed in 2021, the year of the most recent conflict that lasted longer than a week. That conflict began after the Israeli police raided the Aqsa compound in Jerusalem, and

266 The U.N. includes in its database Palestinians and Israelis who were killed or injured in conflicts since 2008 in either Israel or the Palestinian territories, which include the West Bank. Information on casualties

267 Rear Adm. Daniel Hagari, Israel's top military spokesman, said the Israel Defense Forces were evacuating all civilians from the 24 villages near the Gaza border. The move is an indication that Israel might be

268 The civilian evacuation "will be completed today," Admiral Hagari said.

269 Also on Sunday, the Israeli military said fighter jets conducted an "intensive aerial strike" against Hamas military targets near the barrier dividing Israel from Beit Hanoun, a city on the northeast edge of the

270 Israel and Hamas declared they were at war on Saturday after Hamas militants launched one of the largest assaults on Israel in 50 years.

271 Hamas fired thousands of rockets toward Israeli cities, and Palestinian militants crossed into southern Israel, killing civilians and holding Israelis hostage.

272 Israel retaliated with major strikes across the blockaded Gaza Strip, leveling multistory buildings, including a residential building with approximately 100 units.

273 At least 2,200 rockets were fired into Israeli airspace in the early hours of the assault, said Rear Adm. Daniel Hagari, Israel's top military spokesman. Israel's emergency service, Magen David Adom, said it had

274 Photos showed dead bodies of civilians in their cars and at a bus stop in and around the Israeli city of Sderot. The bodies of several bloodied civilians were crumpled together in a room following an attack on

275 On Saturday evening, Admiral Hagari said there were ongoing hostage situations in the Be'eri kibbutz and the city of Ofakim.

276 Plumes of flames and smoke rose above Gaza City as Israel retaliated, reducing multistory buildings to rubble.

277 The streets of Gaza City were largely empty as residents prepared for intensified Israeli airstrikes.

278 The Palestinian territory of Gaza has been under an Israeli blockade, backed by Egypt, since Hamas seized control of the coastal strip in 2007. The blockade restricts the import of many goods and prevents

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Após esse processo, utilizou-se o Visual Studio Code, um editor de código-fonte amplamente utilizado para desenvolvimento de software, edição de texto e manipulação de arquivos estruturados. O Visual Studio Code, embora originalmente desenvolvido para programação, apresenta funcionalidades que facilitam a manipulação de textos e dados como a visualização estruturada de arquivos, a busca e substituição de trechos, além da possibilidade de integração com extensões que automatizam processos repetitivos.

O processo iniciou-se com a importação do arquivo em CSV contendo os parágrafos, realizada por meio da opção “Abrir” no menu do software, permitindo que o conteúdo da tabela fosse carregado diretamente no ambiente de edição. Uma vez importados os dados, estes foram convertidos para texto corrido, permitindo a análise e reorganização do conteúdo de forma contínua como no próprio site do New York Times (Figura 10). Após isso, o conteúdo foi copiado e colado em um arquivo .txt, no próprio software nativo do Windows Bloco de Notas, na qual salva os arquivos na codificação UTF-8 propriamente indicado para exportação para o Iramuteq.

Figura 10 : Importação do material na plataforma Visual Studio Code

92 "The Israeli military has continued to pummel the Gaza Strip, and particularly northern Gaza, with strikes even as ground t
 93 "More than 10,000 people have been killed in Gaza since Israel's bombardment of the strip began a month ago, according to t
 94 "Throughout the entire Gaza Strip, including southern Gaza, at least 38,000 buildings appear to be damaged, or an estimated
 95 "The Israeli military on Monday reiterated its demand that residents of northern Gaza move south, and an evacuation corrido
 96 "The damage assessment shows that Israeli forces have continued to strike in southern Gaza, below the evacuation line, thou
 97 "In an interview with ABC News that aired Monday night, Israel's Prime Minister, Benjamin Netanyahu, indicated that he expe
 98 - Leanne Abraham and Tim Wallace
 99 "Intense clashes have escalated for weeks along Israel's northern border with Lebanon, stoking fears of a war between Israe
 100 "On Friday, in his first remarks since the start of Israel's war with Hamas, Hassan Nasrallah, Hezbollah's leader, describe
 101 "Lebanon's state news agency said Sunday that four civilians, three of them children, who were traveling in a car in southe
 102 "Israel and Hezbollah have clashed repeatedly since Oct. 7, the date of Hamas's surprise attack on Israel. Mr. Nasrallah sa
 103 "During the immediate aftermath of the Hamas attack, Israel ordered evacuations of more than 150,000 residents living in vi
 104 "Israeli ground forces have reached across the full width of the Gaza Strip, satellite imagery shows, encircling Gaza's lar
 105 "The imagery, taken on Friday morning by Planet Labs, a commercial satellite provider, shows how far Israel has moved into
 106 "And the imagery confirms statements from Israel's military on Thursday night that it had surrounded Gaza City from several
 107 "It is unclear how deep Israeli forces have entered into Gaza City itself. Israeli Prime Minister Benjamin Netanyahu wrote o
 108 "Israel's recent advances have surrounded Gaza City above ground, but Hamas also relies on a network of tunnels, thought to
 109 "The imagery also shows entire dense neighborhoods in northern Gaza that look mostly leveled, reflecting the extraordinary
 110 "In the small neighborhood of Izbet Beit Hanoun, shown below, dozens of craters are visible, and many buildings are complet

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

No total, 25 matérias formaram 83 segmentos de texto. Dessa forma, para possibilitar o reconhecimento pelo software, cada texto foi precedido de uma linha de metadados iniciada com quatro asteriscos, seguida pela variável categorial “New York Times” numerada de acordo com a ordem do corpus e identificada por data de publicação. Essa estrutura garante que a quantidade de linhas de metadados corresponda exatamente à quantidade de textos, delimitando de forma clara o início e o fim de cada unidade textual. O corpo dos textos foi disposto em formato corrido, sem quebras de linhas internas e sem a inserção de parágrafos, atendendo à formatação necessária para a leitura do Iramuteq.

Durante a preparação, foram removidos elementos não textuais como cabeçalhos, rodapés, negritos, itálicos e sublinhados, os quais não são reconhecidos pelo software, como também foram aplicadas padronizações linguísticas específicas. Em decorrência disso, palavras compostas e verbos pronominais tiveram o hífen substituído por underline, nomes próprios compostos tiveram os espaços substituídos por underline, siglas foram uniformizadas sempre na forma reduzida, descartando duplicações do nome por extenso, porcentagens foram transcritas com o uso de underline e a expressão “por_cento”, palavras no diminutivo foram convertidas à sua forma original e números foram mantidos em algarismos, excetuando-se artigos indefinidos.

Além disso, foram eliminados caracteres não reconhecidos pelo programa como aspas, apóstrofes, cifrões, reticências e asteriscos excedentes, enquanto acentos, cedilhas e sinais de pontuação foram preservados. Dessa forma, esse cuidado assegura que as análises lexicográficas posteriores possam ser realizadas sem perda de informação ou risco de incompatibilidade técnica.

Um das matérias que configuram o corpo de texto lido pelo Iramuteq:

**** New_York_Times *Out_07_2023 *1

Israel bulldozes more of Gaza as its invasion continues to advance south Israel has bulldozed large areas of Gaza including beachfronts farmland forests and homes to make fortified positions for military vehicles as they advance across the enclave Despite Israel's partial troop withdrawal from Gaza and a reduction in operations in the strip's north satellite imagery shows ongoing land clearing and military advancement in southern and central Gaza This pattern of clearing broad areas and building fortified positions has been repeated hundreds of times across the Gaza Strip a New_York_Times analysis of commercial satellite imagery found Often these fortified positions shown on the map below are occupied by Israeli forces for only a few days before they move deeper into the enclave Wide areas surrounding the fortifications also suffered extensive damage with farmland and roads often destroyed by the movement of heavy tracked vehicles Israel's military capabilities far outmatch Hamas's with tanks guided munitions and modern fighter jets but fighting in a built_up area is still high risk There are many locations where Hamas fighters can hide and ambush Israeli troops including the extensive tunnel network below Gaza Military experts say that Israeli forces build fortified positions in order to guard against the risk of infantry attacks and anti_tank weapons used by Hamas especially at night when fewer troops are on patrol Troops can move into buildings for security but vehicles are outside Thus the Israelis build these berms for protection said Mark_F_Cancian a former White_House weapons strategist who is now a senior adviser at the Center for Strategic and International_Studies As forces advance they often build new fortifications each night The Israelis don_t want to pull their vehicles back every night and possibly lose territory Mr_Cancian said A similar pattern can be seen around Khan_Younis the largest city in southern Gaza which has been the main focus of Israel's operations since early December..... (Holder; Glanz, 2023).